



BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

ANO I

1983

N.º 2



REGISTO N.º _____



HERÁLDICA

PORTARIA PUBLICADA NO DIÁRIO DO GOVERNO
DE 9 DE AGOSTO DE 1989

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

bibRIA

Descrição: — Alcinçada de branco e de vermelho, com as armas do concelho, tendo por base uma faixa branca com a legenda em letras vermelhas: «Aveiro».

Selo: — Circular, tendo no centro as armas do concelho com inscricção das palavras: «Em volta, dentro de círculos concêntricos, se lê: «Biblioteca Municipal de Aveiro».

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

ESTUOS 81556

Publicação Semestral de índole Cultural e Informativa

OUTUBRO 1987



BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

bibRIA

22318 28OUT87
ENTRADA 22318-5



HERÁLDICA

PORTARIA PUBLICADA NO DIÁRIO DO GOVERNO,
II SÉRIE, DE 9 DE AGOSTO DE 1960:

Aprovada, de harmonia com o disposto no artigo 14.º do Código Administrativo, a constituição heráldica das armas, selo e bandeira da Câmara Municipal de Aveiro nos termos seguintes:

Armas: — De verde, com uma águia estendida de prata, armada e bicada de vermelho, carregada de um escudete das quinas das armas nacionais, acompanhada de um sol de ouro, à direita, e de uma lua de prata, à esquerda. Os armas cercadas pelo colar da Ordem da Torre e Espada. Coroa mural de prata de cinco torres.

Bandeira: — Gironada de branco e de vermelho, com as armas ao centro, tendo por baixo uma fita branca com a legenda em letras vermelhas «Aveiro».

Selo: — Circular, tendo ao centro as peças das armas sem indicação dos esmaltes. Em volta, dentro de círculos concêntricos, os dizeres «Câmara Municipal de Aveiro».

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

Publicação Semestral de Índole Cultural e Informativa

OUTUBRO 1983



HERÁLDICA
II SÉRIE, DE 2 DE AGOSTO DE 1960
PORTARIA PUBLICADA NO DIÁRIO DO GOVERNO

Chamou à atenção do Conselho Municipal de Aveiro nos termos seguintes:
Administrativa, a constituição heráldica das armas, selo e bandeira da
Câmara Municipal de Aveiro nos termos seguintes:

As armas — de verde, contendo uma estrela de prata, armada
e bordada vermelha, e encimada por uma coroa das quinas das armas
nacionais, representando o manto de ouro, 5 listras, e de uma lua
de prata representando o Castelo de Aveiro, e o nome da Ordem de Torre
e Espólio, Ordem Nacional de São Bento, e o nome da Câmara Municipal de Aveiro.

Bandeira: — Composta de branco e de vermelho, com as armas
no centro, tendo por baixo uma fita branca com a legenda em letras
vermelhas «Aveiro».

Selo: — Circular, tendo no centro as armas da cidade, com uma
coroa dos castelos em volta, dentro de uma faixa branca com o nome
da Câmara Municipal de Aveiro.

BOLETIM N.º 2

- Direcção** ● Presidente da Câmara Municipal de Aveiro
Vereador do Pelouro Cultural
- Propriedade** ● Câmara Municipal de Aveiro
- Redacção** ● Praça da República — Aveiro — Tel. 24081/82
- Supervisão** ● Assessor Cultural da C. M. A.
- Tiragem** ● 1 500 exemplares
- Composição e Impressão** ● Tipografia «A Lusitânia» — 3800 Aveiro
Telefone 23886
- Preço avulso** ● 100\$00

BOLETIM MUNICIPAL
Publicação Semestral de Indole Cultural e Informativa
OUTUBRO 1983

SUMÁRIO

HERALDICA	● Redacção	● 3
ABERTURA	● Dr. José Girão Pereira Presidente da Câmara Municipal	● 7
	Francisco Fernando da Encarnação Dias Presidente da Assembleia Municipal	● 8
EXPLICAÇÃO	● Custódio Ramos Vereador do Pelouro Cultural	● 9
EDUARDO CERQUEIRA	● João Gonçalves Gaspar	● 11
CEM ANOS DE ARTES PLASTICAS	● Redacção	● 17
DR. JOSE PEREIRA TAVARES	● J. G.	● 23
A DECORAÇÃO DO MOLICEIRO	● Daniel Tércio Ramos Guimarães	● 25
A SEDUÇÃO DA RIA	● RauJ Brandão	● 34
ESTATUETA DE SANTA JOANA	● Redacção	● 35
DOIS TESTEMUNHOS	● Fr. Luís de Sousa Soror Margarida Pinheira	● 36
EFEMÉRIDES AVEIRENSES	● Redacção	● 37
AVEIRO ANTIGO	● Fotografias	● 39
EVOCACÃO DE 1842	● Félix de Lichnowsky	● 42
SANEAMENTO DE AVEIRO	● Eng.º José Arménio Sequeira Pereira	● 43
ANTONIO DOS SANTOS LÊ	● J. G.	● 47
NOTICIARIO	● Redacção	● 49

SUMÁRIO

bibRIA

HERALDICA	• 1
ARMISTIA	• 7
EXPLICAÇÃO	• 11
EDUARDO GONÇALVES	• 11
CELEBRAR A VIDA	• 11
DEL JESUS CRISTO TAVARES	• 11
A DEDICAÇÃO DE UM MONUMENTO	• 11
A REINICIAÇÃO DA VIDA	• 11
ESTATUETA DE SANTA JOANA	• 11
DOIS TESTEMUNHOS	• 11
REMEMBRANÇAS AVERSIAS	• 11
AVISO ANTIGO	• 11
EVOCACAO DE UM	• 11
SANAMENTO DE AVEIRO	• 11
ANTONIO DOS SANTOS LE	• 11
NOTICARIO	• 11

Os textos assinados são da responsabilidade do autor.

Os artigos publicados podem ser transcritos, total ou parcialmente, desde que se indique a origem.

ABERTURA

O primeiro número do **BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO**, que saiu do prelo em Março do corrente ano de 1983, foi totalmente dedicado à exposição «Cem Anos de Artes Plásticas»; nele entendeu a Edilidade proceder à publicação dos trabalhos expostos, servindo como catálogo do referido certame artístico.

Publica-se agora o segundo número; com ele, pretende-se efectivamente iniciar um trabalho de índole cultural e informativa, onde se possam abordar temas que se refiram a Aveiro e ao seu Concelho, onde se evoquem figuras que pertencem à nossa história e onde se dêem a conhecer iniciativas e realizações.

Numa ocasião em que Aveiro e o seu Termo avançam decididamente pelo caminho do progresso, auguro vivamente que o Boletim Municipal, modestamente embora, seja um instrumento que procure ajudar os homens e as mulheres a não se esquecerem do **HOMEM**. Se ele ambiciona ter uma prioridade, esta será a dos superiores valores do espírito, sem menosprezar os autênticos valores materiais; procurará também lutar pela defesa da liberdade contra a opressão, da justiça contra a arbitrariedade, do amor contra o ódio, dos direitos humanos contra qualquer tipo de escravização. Obedecendo a este programa, o Boletim Municipal será construtor do autêntico «Aveirismo», baseado no respeito mútuo e na ordem social.

Como presidente da Câmara Municipal, saúdo igualmente todos os munícipes, vivam ou trabalhem quer na cidade e nas zonas limítrofes, quer nas freguesias rurais; como primeiro responsável do Boletim Municipal de Aveiro, desejo que a equipa que dele se encarregou, nomeadamente o Pelouro Cultural, sempre tenha ânimo em prosseguir; como aveirense, congratulo-me por ter sido possível meter ombros a mais esta publicação, para bem da nossa Terra.

José Girão Pereira

Presidente da Câmara Municipal

ABERTURA

Um Boletim Municipal era, desde há muitos anos, mais do que uma necessidade, um grande desejo. Desejo de todos os órgãos de Autarquia, pois nele poderão abordar assuntos de interesse para Aveiro e, ainda, levar ao conhecimento dos munícipes todas as realizações, os seus anseios e também os seus problemas. Necessidade, porque através da sua divulgação têm os mesmos munícipes o conhecimento mais ajustado da sua Autarquia, para além do elemento sócio-cultural que o mesmo pode representar, quer na evocação das personalidades da nossa terra e das suas obras, quer no registo da história da nossa cidade e do nosso concelho, o passado, o presente e o futuro, pois é importante que, acima de tudo, os Aveirenses conheçam Aveiro.

O aparecimento do Boletim é, por conseguinte, um motivo de júbilo para Aveiro. Um Boletim que se pretende que cumpra a sua missão. Na qualidade de Presidente da Assembleia Municipal e sobretudo como munícipe, não posso deixar de o saudar e desejar-lhe longa vida. E que não desfaleçam os ânimos dos que agora arcam com a responsabilidade do seu arranque.

Francisco Fernando da Encarnação Dias

Presidente da Assembleia Municipal

João Gato Pereira

Presidente da Câmara Municipal

João Gato Pereira

João Gato Pereira

João Gato Pereira

EXPLICAÇÃO

O primeiro número do Boletim Municipal de Aveiro, inteiramente dedicado à exposição «Cem Anos de Artes Plásticas», foi publicado em Março deste ano.

Volvidos seis meses, chegou o momento de se editar o segundo número cujas páginas abordarão maior diversidade de temas aveirenses, numa perspectiva essencialmente cultural e informativa.

Esta periodicidade não é a que sinceramente desejávamos mas a que pragmaticamente julgamos exequível. Na verdade, quantas têm sido as publicações trazidas à luz do dia com tanto arrojo e entusiasmo iniciais e que afinal tiveram uma vida tão efémera!

Por isso, houve a preocupação de se criar e lançar um instrumento de comunicação que, muito embora se afigure despertar timidamente, nasce rodeado dos cuidados ditados pela prudência e humildade, mas ao mesmo tempo animado de potencialidades e características tais que permitam e de certo modo obriguem a sua continuidade durante e para além do mandato dos órgãos representativos do município.

Pela nossa parte, enquanto nos couber alguma responsabilidade de direcção, não pouparemos esforços tendentes à sua projecção no presente e no futuro, acreditando que não estaremos sós neste empenhamento como em todas as tarefas que visem dignificar e engrandecer Aveiro.

A nossa concepção de boletim municipal é a de que ele corresponda a um instrumento de reflexão e comunicação de e para todos os munícipes, homens eruditos ou cidadãos comuns, da cidade ou da aldeia. Entendemos sobretudo que os próximos números deverão reservar algum espaço dedicado especificamente às actividades desenvolvidas pelos diversos órgãos representativos, nomeadamente pelas juntas de freguesia, justificando assim mais cabalmente a adjectivação de MUNICIPAL.

Neste, como em outros aspectos, o número que ora se publica não se apresenta ainda da forma como sonhávamos. Pensamos no entanto que ele constitui um verdadeiro passo em frente na realização dum melhor sonho que será o construído, dia-a-dia, pela comunidade em que vivemos.

Temos esperança no futuro, confiando que ninguém se furtará a cola-

EXPLICAÇÃO

borar na procura do bem comum. O boletim municipal será um meio para atingir esse fim.

A terminar, cumpre-nos manifestar público agradecimento a todos quantos desinteressadamente contribuíram com os valiosos trabalhos que viabilizaram o presente número. E sobretudo uma palavra de recordação para quem se ausentou definitivamente do ambiente físico que nos rodeia, indiciando, porém, ter entrado no mundo dos que «da lei da morte se libertaram».

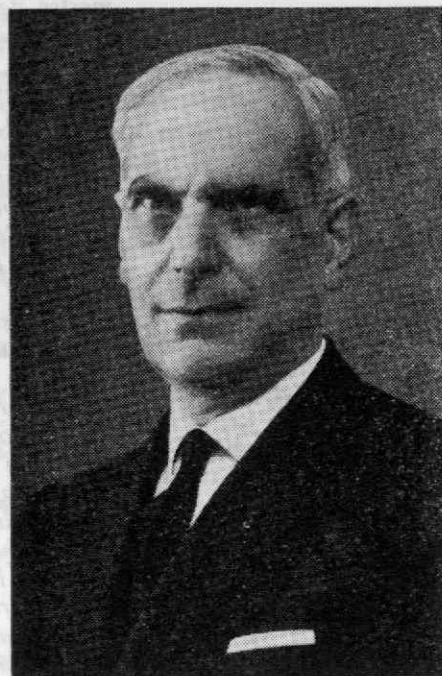
CUSTÓDIO RAMOS

Vereador do Pelouro Cultural

EDUARDO CERQUEIRA

«A MORTE NÃO É UMA PENA; É
UMA GLORIFICAÇÃO NA SAUDADE.»

Dr. Jaime de Magalhães Lima



Após sucessivos agravamentos de saúde, faleceu Eduardo Alla Cerqueira, na madrugada do dia 5 de Setembro de 1983. Completava exactamente nessa data 74 anos de idade, pois nascera na freguesia da Vera-Cruz, na velha Rua dos Ferradores (actual de Domingos Carrancho), em 5 de Setembro de 1909. Com o desaparecimento desta figura distinta, muito conhecida e respeitada, Aveiro ficou mais pobre.

«Cagaréu dos quatro estados» — como gostava de se definir — Eduardo Cerqueira era bem a memória viva de Aveiro, sempre desejoso de dar presença e vida às pedras e aos vultos mortos da sua e nossa Terra. Por isso, com muita devoção, consagrou grande parte da sua vida a escrever e a dizer «coisas e coisas» de Aveiro — desta Cidade que lhe andava entranhada no coração mais do que no pensamento... desta Ria que lhe entrava por todos os poros do corpo e da alma... desta Paisagem que se lhe espelhava e reflectia na retina de uns olhos perscrutadores.

Cursou o Liceu desta Cidade e frequentou depois as Faculdades de Ciências e de Farmácia na Universidade do Porto; ingressou, porém, no funcionalismo público, estando aposentado, havia já alguns anos, da Junta Autónoma das Estradas. Foi sócio de diversas colectividades aveirenses, membro das Comissões Municipais de Cultura e de Toponímia e director do Sport Clube Beira-Mar e da Associação de Futebol de Aveiro. Fez parte da Comissão Executiva das Festas do Milenário, realizadas em 1959, e, de 1972 a 1977, presidiu à Junta Autónoma do Porto de Aveiro. Em 12 de Maio de 1982, foi agraciado pela Câmara Municipal de Aveiro com a «Medalha de Prata da Cidade».

Todavia, Eduardo Cerqueira era sobretudo Alguém que nos deliciava com elucidativos e proveitosos artigos ou palestras, onde sempre se aprendia. Nas laudas que devotadamente nos propunha, nos mais diversos jornais e revistas, perpassavam acontecimentos e pessoas de antanho, retratavam-se monumentos venerandos e trechos antigos de ruas evocativas, descreviam-se procissões, festas e romarias de outrora, tornavam-se presentes hábitos e costumes do passado, defendia-se Aveiro e os seus direitos, perante certa apatia de responsáveis ou surdos interesses de estranhos. Eduardo Cerqueira tem jus a figurar na galeria dos «aveirógrafos», naquele lugar que conquistou pela sua dedicação e pelo seu trabalho.

Além disso, como jornalista, foi, durante anos, correspondente de «O Século» e de «O Primeiro de Janeiro», bem como delegado do «Diário de Notícias». A sua colaboração assídua e vasta ficou ainda dispersa na imprensa regional, particularmente nos semanários «Litoral», «Correio do Vouga» e «Jornal de Aveiro», e nas revistas «Arquivo do Distrito de Aveiro» e «Aveiro e o seu Distrito». Não apenas nestas publicações, mas também em conferências e charlas proferidas em várias oportunidades — designadamente em reuniões do Rotary Clube de Aveiro, de que fora um dos fundadores — Eduardo Cerqueira sempre se manifestou como um Aveirense dedicado à «sua» Cidade.

Pessoalmente, recordo-o com grande saudade, lamentando a perda de um

mestre de «aveirismo». Jamais esquecerei aquelas lições de história local, em ameno diálogo pelos passeios da nossa Urbe; eu era um aluno que perguntava ao professor, na ânsia de procurar reter preciosos ensinamentos. Nunca me sairá da memória a alegria que espontaneamente manifestou, quando, em visita que lhe fiz há uns dois anos no hospital do Carmo, no Porto, lhe ofereci um dos primeiros exemplares da biografia de Santa Joana; «é um pedaço do panorama de Aveiro que me entra na monotonia enfadonha deste quarto» — disse expansivamente. Sobretudo, lembrar-me-ei sempre, no todo e no pormenor, de uma conversa a sós, pela Costeira abaixo... dessas conversas de confiança e de fé que se têm às tantas da noite, quando o silêncio convida a falar em voz suave e a escuridão deixa ver melhor as consciências.

Perante a recordação de Eduardo Cerqueira, é justa a nossa homenagem Àquele que, na pegada de Rangel de Quadros, de Marques Gomes, de Alberto Souto, de Rocha Madahil e de outros, nos transmitiu pedaços e facetas da história de Aveiro... pedaços e facetas das gentes de Aveiro.

Por tudo isto, a Edilidade deliberou não apenas colocar uma placa toponímica com o seu nome no Cais do Paraíso, onde Eduardo Cerqueira quase sempre viveu, mas também editar em livro uma compilação dos artigos mais representativos da sua obra, contando desde já com a devida anuência da Família.

O artigo, que a seguir se publica, foi escrito para este número do nosso Boletim. Ninguém o pediu a Eduardo Cerqueira; mas ele, sabendo da intenção da Câmara Municipal, sentiu como indeclinável dever colaborar connosco desde a primeira hora. O autor, indo ao escrínio das suas recordações, conta-nos «Coisas de há mais de um século», onde se referem pormenores sobre o lançamento do Caminho de Ferro por Aveiro.

João Gonçalves Gaspar

Coisas de há mais de um século

Continuo à cata de elementos, grandes ou pequenos, para achegas ao passado aveirense. E até onde as circunstâncias de uma vida perra mo consentem, numa inquirição insaciável. Nessa pesquisa, sempre de orelhas hirtas, há dias, jubilei, ao ler num catálogo de um alfarrabista lisboeta um lote com um folheto sobre *O Caminho de Ferro do Sul e Sueste*. E não resisti, apesar do preço salgado, à tentação de o adquirir, pois data de 1876. Logo, por essa circunstância cronológica, me fez recordar que essa via férrea está, nos seus primórdios, estreitamente ligada a um aveirense de renome, de grande espírito empreendedor e de grande fortuna, o Visconde do Barreiro, que conseguiu na terra brasileira para onde emigrou muito jovem, por motivos a que não são estranhos os ideais políticos perigosos, e onde se passou a acção ficcionada da «Escrava Isaura», que todos vimos, com mais ou menos pormenor, na Televisão. E se por lá fez fortuna, que aumentou consideravelmente com o casamento, por cá, com o seu tacto e poder de visionamento antecipado, fez crescer a sólida, larga e dinamizadora riqueza com que regressara à pátria.

Somente aconteceu que nem uma única referência encontrei a essa empreendedora personalidade, já que, como se escreve na sucinta *Advertência* «neste folheto vêm compilados, com as rectificações denunciadas pelo seguimento dos trabalhos e pela discussão, todos os artigos publicados no *Jornal do Commercio*, desde 6 de Agosto de 1875 até 1 de Novembro de 1876, em defesa da administração dos caminhos de ferro do sul e sueste, regida pelo governo, e relativamente à fixação da testa d'esta

ponte». E a administração estatal contava já nessa altura bem mais de um lustro

Aliás, o «folheto», explicita-o claramente, na própria capa. Saído da Imprensa Nacional, em 1876, frisa, com saliência e força, incluir «Esclarecimentos sobre a Administração do Governo» e reedita as asserções dos responsáveis acerca da discussão sobre o local para fixação do terminus d'esta linha...

Mas não perdi, em absoluto, nem as referências apertadas das minhas tinetas aveiristas, nem pecuniariamente, o que esportulei nesta leviandade de comprar um espécime

EDUARDO CERQUEIRA, com os

*melhores cumprimentos, junto
lhe envio um bilhete de
com uma "prosa", p. a tipo.
to de achar que vale a pena
publicar no anúncio "Bole-
tim Informativo".
Um abraço do mto obriço
Eduardo*

Cartão que acompanhou este artigo, escrito para o «Boletim Municipal».

bibliográfica

sem conhecimento prévio do conteúdo. O «faro» não me induziu de todo em falso.

Não vou agora discutir — porque excede o âmbito das minhas capacidades, e da minha regedoria predilecta — o que com os dados concretos do presente talvez se me tornasse fácil e me desse aparências enganosas de uma sapiência que nem tenho, nem estultamente quero fazer crer — o preconizado «terminus» daquela via férrea. Topei, a propósito da implantação defendida e eventuais dificuldades técnicas, de mal agoiada e mal fundamentada provisão para o término no Barreiro, o seguinte passo (reportado ao artigo com data de 9 de Fevereiro de 1876, de Lisboa e subscrito por Miguel Carlos Correia Paes):

«Todos conhecem (os daquele tempo, é evidente!) o viaducto construído no valle de Esgueira» pouco adiante (a norte, como se sabe) da estação de Aveiro, para dar passagem ao caminho de ferro do norte.

«Compõe-se de seis vãos de 30 metros de abertura cada um. Os pilares são de tubos de ferro, e, a começar do sul para o norte, foram-se cravando cada vez mais, até ao pilar n.º 4, em que se cravaram 33 metros, que, com 13 acima do terreno até à ponte, fazia a enorme altura de 46 metros». (1)

Ora, à parte os pormenores numéricos, expressos ou não em algarismos e alguns ainda hoje comprováveis, não me trouxe, neste particular, o folheto em referência — que, a brincar enche 96 compactas páginas e inclui uma reprodução desdobrável de uma «Carta Corográfica dos Terrenos em volta de Lisboa», elaborada, em 1869, pelo Depósito Geral da Guerra, então dirigido pelo Gen.^l de Brig.^{da} F. (Filipe?) Folque — não me trouxe, dizia, novidade de maior, como comentador para os «mass-media». Já num órgão de Imprensa local tive ensejo, há um bom par de anos, de aludir ao primeiro comboio, que festiva e temerosamente atravessou a arrojada ponte de Esgueira —

agora praticamente engolida na delimitação citadina aveirense.

E referi-me então, com mais minúcia, à incredulidade que se gerou, na altura, de que o viaduto suportasse, incólume e imoto, a carga, tão elevada, de um comboio, com uma locomotiva a vapor. E alonguei-me a mencionar as sensações manifestadas sobre o evento por um dos heróis dessa temerária travessia inaugural, pelo, anos depois, famoso Ramalho Ortigão, que estava nos inícios da sua carreira literária, e, na circunstância, era enviado especial de um dos jornais portuenses.

E, então, terei, acaso, mencionado as alusões feitas ao amedrontador acontecimento pelo redactor para o efeito destacado pelo *Campeão das Províncias* — que, durante muito tempo, foi o decano, e o primeiro, ainda e sempre, dos jornais de Aveiro.

E, talvez, creio, terá confiado, se a memória me não falha, essa temerosa tarefa, ao experiente José Eduardo de Almeida Vilhena, que passara pela chefia da redacção de alguns diários lisboetas de cariz político, e que ainda conheci à janela da casa do Senhor Firmino Huet (*lê-se uete*), no desaparecido prédio da Rua de Entrepones (*hoje de «Viana do Castelo»*) onde tinha domicílio, e veio a ficar o espaço contíguo ao Arcada Hotel, arrojadamente construído já para essa finalidade específica.

Lembro-me tenuamente, mas seguramente, do velho Almeida Vilhena, nos fins da vida e valetudinário, decano, já incapaz, dos jornalistas aveirenses, com rastro e capacidade.

Mas, no mesmo artigo, do *Jornal do Comércio* — que chegou a ser o mais velho diário do continente português, e fora fundado por Luís de Almeida e Albuquerque, aquele que substituiu voluntariamente José Estêvão, enquanto este fintava os agentes assoldados para prender o grande vulto liberal aveirense, que depois soube compensá-lo — diz-se mais, expressamente:

«O grande trabalho que deu o fundamento do encontro norte da Ponte do Pano, que fica adiante da estação de Oliveira do Bairro». E acrescenta, no período imediato, a seguinte informação, que neste momento me parece cheia de prudente oportunidade, já que naquela ponte da via férrea se está efectuando uma meticolosa reparação reforçativa e cautelar:

«O péssimo terreno das Agrads de Aveiro — os leitores muito provavelmente estarão a lembrar-se de que, por uma libra simbólica, o venerando e intrépido liberal Manuel José Mendes Leite «deu» todo o terreno atravessado por esses estirados aterros do então chamado «Vale do Curvo» — um valle situado pouco antes da estação do mesmo nome, em que uma boa ponte de tijolo, de 4 metros de abertura, construída com todo o esmero sobre uma estacaria de 10 metros e estrado de madeira, desapareceu uma noite, e o aterro enterrou-se mais de 8 metros, refluindo, o terreno natural, a montante e a jusante do aterro, até grande distância e sublevando-se alguns metros». (2)

Aliás, mais que bastantemente é sabido o papel caloroso e apostolizador que José Estêvão — de quem Mendes Leite era o mais afectuoso e apegado amigo — tomou na defesa, pertinaz e cheia de convicções, dos caminhos de ferro em geral, e na localização de uma paragem estacionadora da praticamente totalidade dos comboios em Aveiro. Desse elemento de locomoção, que classificou como o mais democrático de todos — e essa opinião sustentou como das mais decisivas o patrono cívico da sua, nem sempre compreensiva e reconhecida e retribuidora de afecto prestante, já que sempre devotadamente servida, terra natal.

Não, por meros motivos de sentimental bairrismo

— que a sua isenta lucidez via sempre para além do círculo das badaladas restritas do campanário — mas, porque, assim, o recomendava o acesso pronto e desafojado, pelos mais modernos e eficientes meios, a um porto de mar, que então se repristinava — e que agora, em 1983, estamos prestes a fruir em dilatadas proporções que visam um «hinterland» rasgado até lonjuras internacionais.

Conhece-se, superabundantemente, como José Estêvão — e todos os esclarecidos espíritos com ele coligados nessa corrente que deu o «fontismo» — acreditava profundamente na acção estimuladora dos caminhos de ferro, e os advogava persuasivamente com o seu grande poder de dialéctica, eufónica, lógica e comunicativa, na Imprensa ou na Tribuna. ⁽³⁾

Que, propriamente, como também por demais é conhecido, José Estêvão não escrevia. Mesmo para os jornais em que pontificou — e nunca dispensou — não escrevia, pois não haveria tipógrafo, por mais experimentado, que lhe lesse os gatafunhos hiroglíficos, mas ditava — a começar invariável, reinadia e inconsequentemente por um... ponto final. Ditava os artigos de qualquer extensão — mesmo que, entretanto, lhe sobreviesse algum ocasional acesso de sono, inconsequente, mas imperativo e invencível — se envolvessem princípios a que tinha aderido, com o vigor inteiro do seu desfrenado espírito, empolgante e generoso.

Mas, para usarmos linguajar ajustado ao tema, refaçamos as agulhas e volvamos ao rumo principal. Punhamos mesmo termo a esta digressão evocativa, com este histórico movimento de terras. As margens do Tejo não faziam prever qualquer contratempo semelhante no Barreiro, e que ainda hoje ocasionaria apreensões. O grande desenvolvimento do Barreiro resultou da fixação nos seus limites do término da linha férrea do Sul e Sueste, cuja exploração começou a efectuar-se em 1861. ⁽⁴⁾ E punhamos aqui, contra a predilecção estevaniana, o ponto final, que já é tempo.

EDUARDO CERQUEIRA

(1) — Obra cit., pág. 24.

(2) — Obra cit., pág. 24.

(3) — In *José Estêvão, Estudo e Colectânea*, Edição da C. M. de Aveiro, 1962, pág. 197 a 199.

(4) — *Enciclopédia «Verbo»* — Vol. 4, Col. 643.

Bibliografia de Eduardo Cerqueira

Além do importante espólio de documentos sobre os vultos aveirenses e sobre a história e etnografia da região, que Eduardo Cerqueira deixou, destacamos aqui alguns dos seus escritos:

- As casas de Verdemilho e Aveiro onde teria decorrido a infância de Eça de Queirós (1945);
- A propósito do centenário da iluminação pública da Cidade (1946);
- O auto de aclamação de D. Maria II e de juramento à Carta Constitucional de 1834, em Aveiro (1947);
- Relance sobre a evolução da secular «Feira de Março» (1947);
- Aspectos e modificações do Rossio (1949);
- O centenário do «Campeão do Vouga» (1952);
- João Augusto Marques Gomes — Um aveirense ilustre (1953);
- Garrett e José Estêvão (1954);
- O panfletário Homem Cristo (1955);
- O milénário de Aveiro e o bicentenário da sua elevação a cidade (1959);
- Gago Coutinho e São Jacinto (1959);
- Para a história do porto de Aveiro — Uma carta do Engenheiro Von Hafe para Homem Cristo (1960);
- Augusto Soromenho era de Aveiro como os mexilhões (1960);
- José Estêvão visto por contemporâneos (1962);
- José Estêvão e Rodrigues Sampaio (1962);
- Camilo e José Estêvão (1963);
- Três cartas de reconciliação com Homem Cristo (1964);
- José Estêvão e o seu fecundo aveirismo (1966);
- O heróico «Aveiro» José Rabumba (1966);

- A instituição da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro (1967);
- Apontamento sobre antigas procissões de Aveiro (1967);
- Jornais e jornalistas aveirenses (1968);
- Curiosidades do Passado Aveirense — Notícia da Igreja do Espírito Santo e da sua demolição (1969);
- Pioneiro do desporto e homem singular — Mário Duarte (1969);
- Centenário de três aveirenses (1970);
- Homens e factos de Aveiro — Relance sobre uma prestimosa colectividade oitocentista — Grémio Moderno (1971);
- Breve digressão pelos costumes tradicionais aveirenses (1972);
- O «Cofre da Barra» de Aveiro na função de caixa de empréstimos ou subsídios (1973);
- Considerações sobre a gente de Aveiro (1974);
- O aveirense Francisco de Castro Matoso visto através dos seus contemporâneos (1974);
- A estreita cooperação de dois aveirenses a favor da sua terra (1975);
- Comemorações aveirenses do III Centenário do falecimento de Camões — 1880 (1975);
- Uma faceta olvidada de Egas Moniz (1975);
- Notas sobre a implantação da República em Aveiro e seus antecedentes (1976);
- Considerações suscitadas por duas cartas inéditas de Manuel de Arriaga (1976);
- Considerações suscitadas por uma carta de António Rodrigues Sampaio (1976);
- Porto de Aveiro — Um porto das Beiras — Palestra proferida em Viseu em 1972 (1980);
- Glosa de algumas alusões de Júlio Dinis a Aveiro (1980);
- A abolição da pena de morte por crimes políticos e o seu paladino aveirense (1981);
- Algumas notas sobre o edifício do Governo Civil de Aveiro (1982);
- O Marquês de Pombal e Aveiro (1983);
- Notícia de algumas tipografias aveirenses (1983).

Depoimento de um condiscípulo

Com data de 26 de Setembro passado, a Câmara Municipal recebeu uma carta, que lhe dirigiu o sr. Dr. Orlando de Sousa Branca, distinto médico em Vila Real. Com a devida vénia, dela transcrevemos os seguintes períodos:

— «Li, com compreensível satisfação, a notícia relativa à homenagem que, por proposta do sr. Vereador do Pelouro da Cultura, está projectada para perpetuar a lembrança nessa terra do meu velho condiscípulo de sete anos de liceu, Eduardo Ala Cerqueira. De alma e coração me congratulo com ela e lhe reconheço plena justificação, já pela grandeza da sua alma de aveirense, já pelo fulgor da sua inteligência, permanentemente ao serviço da cultura e propaganda dos valores da sua terra, que amava como poucos, já pelo brilho da sua dialética como conversador e escritor. (...)

Sempre «bom rapaz», bom colega e amigo, sem um toque sequer de inveja ou despeito, foi um condiscípulo de todos sempre muito querido e admirado. (...)

Tenho saudades desse velho condiscípulo e amigo — amigo que foi sempre de todos os condiscípulos e condiscípulas e querido dos seus mestres.

Aveiro perdeu um bom filho seu, mas guardará a sua lembrança, ao afixar na rua onde sempre morou uma lápide evocativa.

Não sou de Aveiro, mas do Luso — terra que desejaria, contra tudo e contra todos, ver sempre fazendo parte do distrito de Aveiro; por isso, queria que me aceitassem na minha fé de aveirismo ao associar-me com estas palavras à homenagem em que convosco comungo e pela qual felicito essa Ex.^{ma} Câmara e muito especialmente o sr. Vereador do Pelouro da Cultura, que dela teve a iniciativa.»

Cem anos de Artes Plásticas

Uma Exposição Distrital

1 — APONTAMENTO SUMÁRIO

ENTIDADE PROMOTORA • Câmara Municipal de Aveiro, que formalmente assumiu toda a responsabilidade, incluindo a exposição «Cem Anos de Artes Plásticas» no Plano de Actividades para 1983. No entanto, a concretização da iniciativa deveu-se sobretudo ao trabalho sobre-humano e à dedicação generosa dos membros da respectiva Comissão Organizadora que, em conjugação de esforços com o Pelouro Cultural, agiu com a necessária autonomia.

COMISSÃO ORGANIZADORA • Dr. Amaro Ferreira Neves; Dr. Énio Semedo; P.^o João Gonçalves Gaspar; Cor. Cândido Teles; Dr. Vasco Branco; Dr. Diamantino Dias.

PRINCIPAIS FINALIDADES • Comemorar o I Centenário da «Exposição Distrital de Aveiro», de 1882, promovida pelo Grémio Moderno.

• Homenagear todos quantos se empenharam nessa importante manifestação cultural, designadamente João Augusto Marques Gomes e Joaquim de Vasconcelos.

• Mostrar obras de artistas que nos últimos cem anos interpretaram Aveiro, a sua região, a sua paisagem e a sua gente, nas modalidades de pintura, gravura, desenho, cerâmica, escultura e tapeçaria.

TRABALHO EXAUSTIVO • Inventariaram-se as «existências» em museus, visitaram-se casas particulares, recolheram-se notas biográficas de artistas, organizou-se um ficheiro de artistas, obras e proprietários, compuseram-se pequenas biografias, compilaram-se dados sobre fábricas de cerâmica, contactaram-se bancos, empresas e entidades para eventuais apoios económicos...

• Distribuíram-se 500 cartazes, fizeram-se 2 500 catálogos, enviaram-se 500 convites em nome da Câmara Municipal e da Comissão Organizadora, imprimiram-se 5 000 autocolantes, juntaram-se dezenas de fotografias dos principais artistas e obras representadas...

APOIOS E SUBSÍDIOS • Patrocínio da Câmara Municipal de Aveiro, que proporcionou o Salão Cultural, mandou executar plintos e expositores, adaptou a iluminação e editou o catálogo, transformando-o no n.º 1 do «Boletim Municipal» — tudo feito com «dignidade, mas dentro dos condicionalismos da austeridade».

• Subsídio do Governo Civil de Aveiro.

• Subsídio da Secretaria de Estado da Cultura.

ABERTURA OFICIAL

• Efectuou-se no dia 10 de Março de 1983, às 18 horas, sob a presidência do Governador Civil de Aveiro, Dr. Aurélio Pinheiro, ladeado por D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar do Porto, pelo representante da Câmara Municipal de Aveiro, Cap. Luís António Tavares, pelo representante da Diocese de Aveiro, D. António Baltasar Marcelino, e por um elemento da Comissão Organizadora, Dr. Vasco Branco, que sumariamente apresentou os objectivos da exposição e o conferente convidado. Estiveram presentes outras entidades oficiais e cerca de 200 visitantes.

DURAÇÃO E AMPLITUDE

• A exposição «Cem Anos de Artes Plásticas», que se manteve até ao dia 27 de Março, mostrou mais de 300 trabalhos, representando cerca de 80 artistas, artesãos e fábricas. O catálogo deu ideia do âmbito da realização, se bem que numerosas peças acabaram por ficar «extra-catálogo».

NÚMERO DE VISITANTES

• Visitaram a exposição cerca de 4 500 pessoas. Destaca-se aqui a presença dos cursos terminais de Artes Visuais das Escolas Secundárias e dos grupos de alunos das Escolas Superiores de Artes do Porto. Também a visitaram vários críticos, entre os quais o Dr. Matos Chaves, da Escola Superior de Belas Artes do Porto, que proferiu uma conferência sobre «A Arte Europeia dos Últimos Cem Anos».

2 — DISCURSO DE ABERTURA

O conferente convidado para a abertura oficial foi D. Domingos de Pinho Brandão, natural de Rossas (Arouca), que não só é actualmente um dos bispos auxiliares do Porto, mas também, estudioso de Arte, História e Arqueologia, exerce as funções de director do Museu de Arte Sacra, instalado no Mosteiro de Santa Mafalda, em Arouca.

Registamos aqui as suas judiciosas palavras que, por constituírem uma oportuna lição de mestre, dignificam sobremaneira as colunas do nosso Boletim.

Tomo a palavra nesta sessão de abertura da Exposição «100 anos de Artes Plásticas», pelo motivo de ser natural do Distrito de Aveiro. Essa, fundamentalmente, a razão por que aqui estou; essa, fundamentalmente, a razão do convite que me foi dirigido. E procurarei não ultrapassar o limite de tempo que me foi imposto: 15 minutos.

SOU DE AROUCA... VENHO DO PORTO...

Efectivamente, nasci em Arouca, na freguesia de Rossas, e tenho sempre muito prazer e brio em dizer que sou de Arouca.

Vivo actualmente na cidade do Porto.

Sou de Arouca: nasci em terras deste Distrito de Aveiro. Evoco, neste momento, e na sede do Distrito, a terra que me foi berço, das mais lindas e portuguesas — porque não dizê-lo?! — terras de Portugal! E porque estamos em Aveiro, a encantadora Cidade da Beata Joana, Princesa — padroeira da Cidade, lembro a Beata Mafalda, a Rainha Santa de Arouca, Princesa e Rainha.

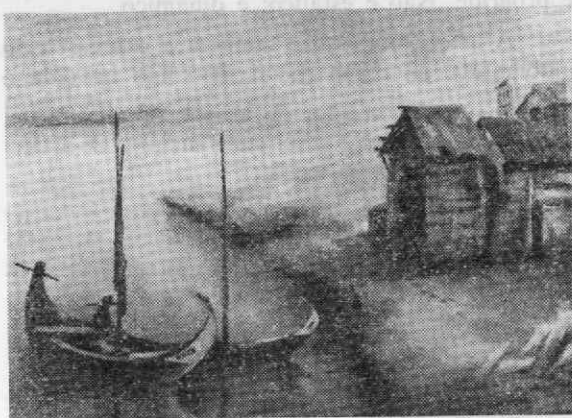
Ex-libris desta cidade é também a igreja de Jesus — jóia de arte nunca suficientemente apreciada, integrada no Mosteiro-Museu, de tanto valor e interesse. Este facto faz-me recordar a magnífica igreja conventual de Arouca, que bem se



SILVA ROCHA — Lavrador de Aradas

integra no magnífico museu regional de Arte Sacra de Arouca, instalado em dependências do mosteiro, museu de que, para seu mal, sou Director.

Venho do Porto. É sabido que alguns artistas portuenses dos fins do século XVII e primeira metade do século XVIII se enamoraram de Aveiro. Efectivamente, uma grande parte da escultura e talha dourada de Aveiro e seu aro foi obra de entalhadores portuenses, como, há anos, revelei num encontro de Directores e Conservadores dos Museus, aqui realizado. Cito alguns nomes dos melhores entalhadores que aqui trabalharam: Do-



PALMIRO PEIXE — *Velhos Palheiros do Sul — Costa Nova*

mingos Nunes, António Gomes, José Correia e José Martins Tinoco. Sobretudo António Gomes, mestre de nome e renome, que nos legou obras com todo o primor da arte, como então se dizia, no Porto, em Arouca, em Aveiro, em Coimbra e noutras terras.

PORQUÊ E PARA QUÊ ESTA EXPOSIÇÃO?

Acontece, ainda, que a exposição a inaugurar «100 anos de Artes Plásticas» é evocativa da importante «Exposição Distrital de Aveiro», realizada em 1882, que ficou a dever-se à iniciativa de uma numerosa Comissão de individualidades, mas cujos principais obreiros foram Marques Gomes e Joaquim de Vasconcelos — aquele, ilustre estudioso, consagrado, sobretudo, a temas aveirenses; este, o Doutor Joaquim de Vasconcelos, portuense, historiador emérito e notável crítico de arte.

A presente exposição intitula-se «100 anos de Artes Plásticas» e abrange, consequentemente, o período que decorre desde a última exposição de 1882 até ao presente. Ocupa-se de temas e motivos relacionados com Aveiro.

Mas — porquê e para quê esta exposição?

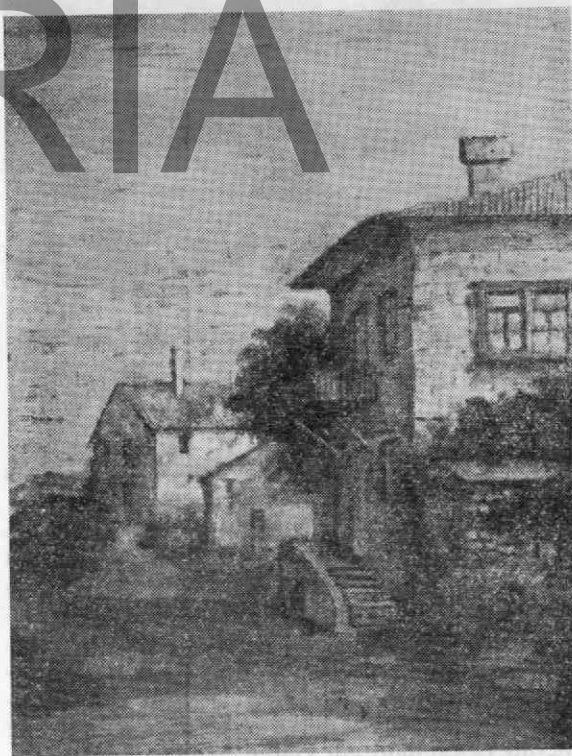
Antes de a percorrermos, será oportuno reflectir no interesse de uma exposição de arte, e de uma exposição deste género.

Trata-se de um conjunto de peças de arte

que se reúnem em local apropriado, para que o público as possa ver, estudar e apreciar. Uma exposição oferece-nos uma panorâmica das obras de arte de um período, ou de uma determinada temática, ou de um determinado artista. Assim, têm-se realizado exposições que abrangem uma época ou período de maior ou menor duração (por ex. «100 anos de artes plásticas»); exposições de imagens, por exemplo, de Nossa Senhora, ou de Cristo (exposições temáticas); ou exposições de obras de um artista — estas muito frequentes: lembro, sempre como exemplo, as exposições de Vieira da Silva (pintura) e de Rodin (escultura). Acontece, por vezes, que se conjugam mais que um dos horizontes referidos. É o caso, mais uma vez para exemplo, da presente exposição que abrange um determinado período (100 anos) e se ocupa de temática especificada, diversificada, variada (motivos aveirenses).

UMA PANORÂMICA DE DIVERSAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

A exposição que hoje se inaugura — de diversas obras e de diversos artistas — para além do interesse dos trabalhos expostos, individualmente considerados, oferece-nos também uma panorâmica das diversas manifestações artísticas,



SAMUEL MAIA — *Chousa Velha — Ilhavo*

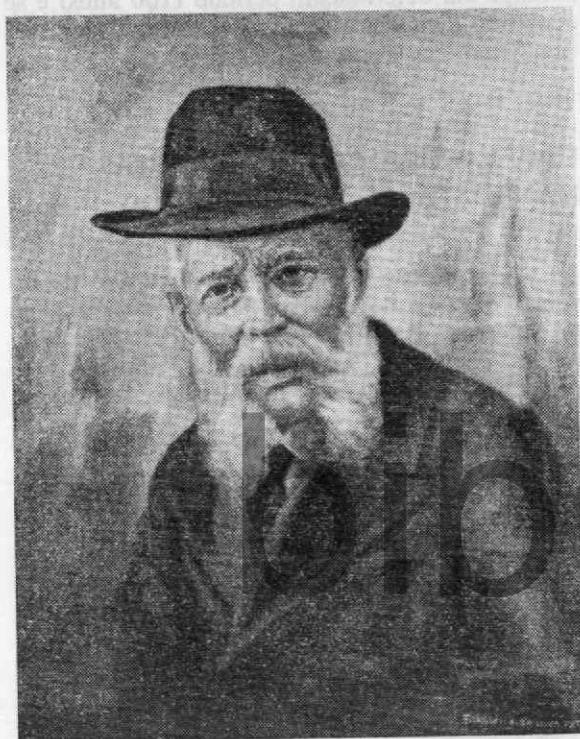
vividas e realizadas num período de cem anos. Podemos observar, comparar e tirar lições.

Podemos, igualmente, verificar a evolução das manifestações artísticas no decorrer do tempo

— no nosso caso, num período dos últimos cem anos. E isto é de muito interesse.

A arte é uma realidade, sonhada, criada, vida e, por isso, viva. Como o homem, evolui; como a sociedade, avança e progride. O próprio artista, no decurso da sua vida, realiza uma caminhada artística. Todos o sabemos. Quantas vezes sorri, ao contemplar, passados anos, a sua obra, há muito realizada!

Foi no Seminário Maior do Porto. Eu acompanhava o escultor Diogo de Macedo, de Gaia, (aqui representado com um desenho, já vi!) numa visita ao Seminário e ao Museu do mesmo Seminário. Ao terminar a visita, mostrei um barro modelado, havia muitos anos, por suas mãos. Sorriu.



FRANCISCO PATOILO — Retrato do ceramista José Patoilo

Quase se não reconhecia — observou — nessa obra produzida na verdura dos seus anos!

Uma obra de arte é expressão vital do artista. E, ao produzi-la, o verdadeiro artista nunca fica satisfeito: deseja mais, deseja melhor. Quantas vezes rasga ou procura inutilizar a obra que produziu! Conhecemos muitos casos de poetas que quiseram rasgar os seus versos ou procuraram inutilizá-los — e eram e são autênticas jóias de poesia! — ou escultores que destruíram esculturas de mérito (sobretudo em Gaia)!

UM TESTEMUNHO DA EVOLUÇÃO DE VÁRIAS IDEIAS

O verdadeiro artista é sempre um insatisfeito. Quem não conhece o caso de Miguel Ângelo ao concluir o seu e nosso Moisés? Digo *nosso*, por-

comum e universal... e, portanto, de todos. Tomou o martelo, feriu o pé da estátua e, com certa que as verdadeiras obras de arte são património ânsia e desespero, como que gritou: *Parla dunque!* — Agora fala! A estátua não falou; não falou a linguagem que Miguel Ângelo queria ouvir. Mas falou e continua a falar a linguagem da beleza; continua, na sua mudez eloquente, a proclamar a grandeza de um génio — o artista que a concebeu e realizou.

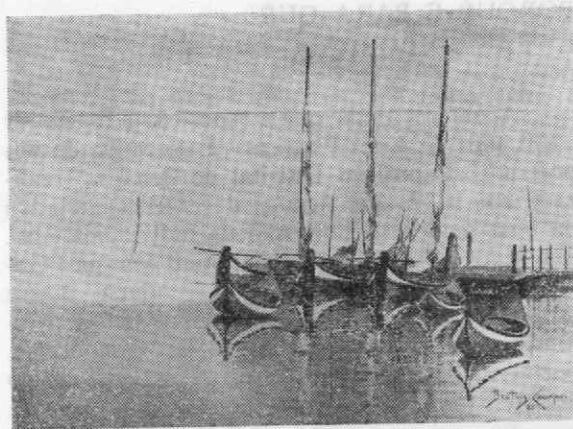
A evolução da arte depende também do ambiente social, em que o artista se forma, se informa e vive.

E, como sabemos, o ambiente social avança e progride. Não é estático; é dinâmico.

A arte é por isso e também a expressão do ambiente e do clima social. Isto não invalida o valor e o poder criador do artista. Simplesmente, o homem é «ele e a circunstância». O artista também!

Daqui se conclui que uma exposição deste género, para além de mostrar e revelar o valor das peças expostas, testemunha também a evolução subjacente das diversas ideias e manifestações artísticas. E, como sabemos, a evolução hoje processa-se em ritmo mais acelerado. Igualmente no campo artístico.

Porque a arte evolui na sua concretização, daí ser a contemporaneidade uma das suas notas características. No século XII, a arquitectura, a escultura, a pintura e outros horizontes de arte e artesanato manifestam determinado estilo e linguagem, substantiva e adjectiva. Nos séculos seguintes, de igual modo, o estilo e linguagem artística da época. Este sentido de presença ou contemporaneidade é essencial numa obra de arte. A arte voltada para o passado não é criação, é cópia ou técnica. O verdadeiro artista vive o pre-



BEATRIZ CAMPOS — Em descanso — Ria em Ovar

sente, voltado para o futuro. Por isso, é criador.

Esta contemporaneidade, quando a obra é verdadeiramente de arte, de valor, estende-se a todos os homens e a todas as épocas. Não admiramos, hoje, as pinturas de um Giotto, de um

Leonardo da Vinci, as esculturas e pinturas de um Miguel Ângelo, a arquitectura de um Nasoni? Uma obra de verdadeira arte é eterna; o exhibitionismo passa com a voragem do tempo.

É PRECISO RECONHECER PARA GOSTAR

O velho aforismo latino da Escolástica — *nihil volitum, nisi praecognitum* — também se aplica ao campo da arte: nada amado que não seja anteriormente conhecido. Não apreciamos muitas vezes obras artísticas, por não conhecermos as suas dimensões, o seu sentido e a sua dinâmica. É preciso conhecer para amar, quero dizer, para gostar; e, em cadeia, quanto mais gos-



ZE PENICHEIRO — O Homem do Sal

tamos, mais conhecemos. Uma exposição, como a que se vai inaugurar, leva-nos a conhecer melhor a actividade artística (Artes Plásticas) de um século, e, por isso mesmo, a apreciar melhor o seu valor. Educa a sensibilidade e o gosto...

E é, também, um alarme em ordem à defesa e protecção do nosso património artístico, do presente e do passado, que, apesar de iniciativas dignas de louvor, anda por aí tão abandonado, sobretudo o monumental. Monumentos ou ruínas que se abandonam e deixam cair são vozes do passado que se calam e valores culturais que se perdem!

Uma exposição, educando, promove.

Na sucessão de méritos que vamos apontando é de referir a possibilidade que o visitante e estudioso tem de ver obras de arte que, individualmente ou no seu conjunto, não teria facilidade de examinar e estudar. É um dos aspectos válidos de uma exposição. Recordo exposições que visitei — de imagens de Cristo, de imagens de Nossa Senhora, das esculturas de Rodin, de pinturas de Vieira da Silva e muitas outras, que me permitiram «de visu» admirar peças, que, sem tais exposições, dificilmente poderia contemplar, para além de observar, «de visu» também, o ritmo

evolutivo das criações artísticas, nas exposições de temas específicos.

A presente exposição permite o exame e a contemplação das obras expostas, mas é também um livro aberto — um livro de história de arte, cujas folhas se desdobram num período de cem anos — de quatro ou cinco gerações sucessivas.

DA BELEZA DAS COISAS À BELEZA ABSOLUTA

Gostaria de salientar que as exposições de obras de artistas ainda vivos constituem um estímulo e encorajamento para os mesmos artistas, que também precisam de estímulo e ajuda para prosseguirem a sua vocação e missão de tornar o mundo mais belo e a humanidade mais feliz.

Sempre me impressionou o registo de óbito do grande Nicolau Nasoni, desse talentoso e polivalente génio que tanta beleza semeou no Porto e Norte de Portugal, em obras de arte, no domínio da arquitectura, da pintura decorativa, do desenho, etc.! Qual o historiador de arte que não conhece no Porto, a igreja dos Clérigos, a fachada da igreja da Misericórdia, a igreja de Matosinhos, o Paço Episcopal, o Palácio do Freixo? Sempre me impressionou — dizia eu — o registo de óbito de Nicolau Nasoni. Relata que morreu em 1773 e foi sepultado como irmão pobre na igreja dos Clérigos. Para mais, até se desconhece o lugar exacto do seu enterramento. Talvez bem! Como que a significar que a igreja, fruto do seu génio, é toda ela o mausoléu onde repousam as cinzas do grande arquitecto!

Não queria deixar no olvido um apontamento de sabor místico.

Nós somos peregrinos da Beleza!

A beleza das coisas eleva-nos à Beleza Absoluta: Deus. Já o lemos nas Letras Sagradas: da beleza criada, subimos à Beleza Incriada.

Uma obra de arte é portadora de uma mensagem espiritual, por ser portadora de beleza, da beleza criada, revérbero da Beleza Absoluta que não morre.

Fica bem salientar esta anotação espiritual que a exposição me sugere.

UMA EXPOSIÇÃO DE LOUVOR A AVEIRO

A temática desta exposição é alusiva a Aveiro: motivos relacionados com a Cidade, seu aro, distrito e pessoas.

Aqui está patente um belo livro, cujas páginas são obras de arte, a falar de Aveiro, no decurso de um século. É uma exposição de louvor à cidade, às gentes e às terras de Aveiro.

Não estão aqui, é evidente, todas as obras de arte relacionadas com Aveiro ou existentes em Aveiro. Essa colecção grandiosa está disseminada por todo o Distrito: as suas igrejas, os seus monumentos, os seus palácios e respectivo recheio,

os seus museus. Disseminada ainda em colecções de particulares. Que o Distrito de Aveiro está semeado de obras de arte!

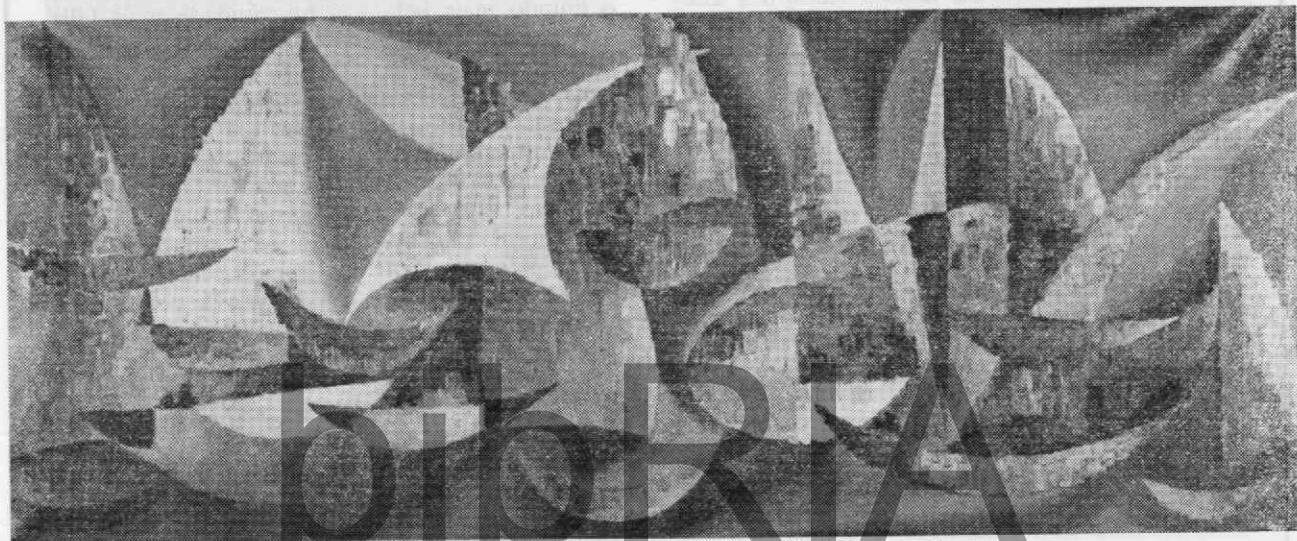
Aqui está exposta uma meritória colecção de obras de arte, que abrange cem anos.

Bela iniciativa!

Evoco, mais uma vez, senhoras e senhores,

os grandes obreiros da exposição de 1882. E saúde, neste momento, particularmente o Sr. Presidente da Câmara que patrocina esta exposição, com todos aqueles que igualmente a incentivaram, e os membros da benemérita Comissão que promoveu este certame artístico.

Tenho dito.



GASPAR ALBINO — Barcos e Velas



Dr. José Pereira Tavares

Um Homem que Aveiro não esquece

No dia 14 de Março do corrente ano de 1983, faleceu em Aveiro o Dr. José Pereira Tavares, personalidade distinta, conhecida e admirada não só pelos aveirenses mas ainda por pessoas de variadíssimos quadrantes e de muitas outras regiões. Contava a prolecta idade de 96 anos, pois nascera em 30 de Janeiro de 1887, na freguesia do Pinheiro da Bemposta (Oliveira de Azeméis).

Em 1901, ficou aprovado no exame de Instrução Primária, feito no Liceu de Aveiro, e logo se matriculou no mesmo estabelecimento escolar para prosseguir os estudos. Em 1915, obteve o diploma do curso do Magistério Secundário do I Grupo (Português e Latim) e, no ano seguinte, iniciou a carreira docente no Liceu de Viseu, onde esteve até Outubro. Depois, começou a exercer a sua actividade no Liceu de Aveiro, tornando-se efectivo em Outubro de 1917.

De Janeiro a Março de 1926, desempenhou interinamente o cargo de reitor, sendo nomeado reitor efectivo em Julho. Todavia, em 1931, a seu pedido, foi exonerado, tendo-se reconhecido «que prestou serviços muito relevantes em benefício do Ensino Secundário, pelos quais se consignam justos louvores». Em 1940, novamente foi nomeado reitor efectivo do Liceu de Aveiro, terminando as suas funções em 30 de Janeiro de 1957, por ter atingido o limite de idade, que então era aos 70 anos. Na altura, o Governo agraciou-o com a comenda da Instrução Pública.

O Dr. José Pereira Tavares organizou o primeiro Grupo Cénico do Liceu; de 1922 a 1925 dirigiu também o Museu de Aveiro; em 1926, com o Dr. Álvaro da Silva Sampaio, fundou a revista do Ensino Liceal «Labor»; foi um dos dinamizadores dos Congressos do Ensino Liceal de Aveiro (1927), de Viseu (1928), de Braga (1929), de Évora (1930) e de Coimbra (1931); promoveu celebrações centenárias de grandes vultos da nossa literatura, como Eça de Queirós, Gomes Leal e Guerra Junqueiro; em 1935, com o Dr. Francisco Ferreira Neves e o Dr. António Gomes da Rocha Madahil, deu início à publica-

ção da revista «Arquivo do Distrito de Aveiro»; em 1951, promoveu as celebrações do primeiro centenário do Liceu de Aveiro. Por sua proposta, este estabelecimento de ensino passou a designar-se por Liceu de José Estêvão, dando assim forma a uma antiga aspiração do Conselho Escolar e da Cidade.

Em 30 de Dezembro de 1959, foi recompensado pela Câmara Municipal com a Medalha de Prata da Cidade, como reconhecimento pelos serviços prestados a Aveiro, especialmente com a revista «Arquivo do Distrito de Aveiro».

Grande estudioso da língua portuguesa, estimado professor de sucessivas gerações, homem de extraordinário saber, de profunda cultura e de fino trato, assim o definiu certa vez o Dr. António Simões Capão, seu antigo aluno: — «Português de lei que se aquilata por um labor intenso na defesa da língua portuguesa ao longo de toda a sua vida, durante a qual produziu um considerável número de obras, activo impulsionador e colaborador de congressos do Ensino Liceal...» ⁽¹⁾

Mais do que um nome, o Dr. José Pereira Tavares — no dizer de Eduardo Cerqueira — «era o Homem que dava e se dava e se projectava, nas múltiplas facetas pessoais, nos outros... o Homem que teve a preocupação, constante e efectiva, de modelar homens dignos, de coluna vertical, conscientes e insubservientes, sem estilos ostensivos... o Homem de ideias que nunca impôs, mas que sabia comunicar e de que, no essencial, nunca abdicou». ⁽²⁾

Aveiro não o esquecerá. E assim, logo após a sua morte, por proposta do Vereador do Pelouro Cultural, a Edilidade Aveirense deliberou unanimemente atribuir o seu nome a uma das ruas da cidade.

J. G.

(1) — Semanário CORREIO DO VOUGA, n.º 2337, 18-3-1977.

(2) — Idem, n.º 2632, 8-4-1983.

Bibliografia do Dr. José Pereira Tavares

É vastíssima a obra literária do Dr. José Pereira Tavares, disseminada por diversas publicações, mesmo estrangeiras. A sua colaboração, todavia, foi extraordinariamente assídua nas revistas «Labor» e «Arquivo do Distrito de Aveiro».

Além disso, deixou manuscritos dois cadernos de «Memórias» e uma série de peças teatrais, narrativas cénicas, diálogos, etc. Ricas de sentido didáctico, estas obras foram escritas com o objectivo de serem levadas à cena em festas escolares; algumas delas continuam inéditas.

Destacamos aqui as seguintes publicações:

— Rimas portuguesas e orações académicas — Porto, 1921;

— O Poeta Melodino, de D. Francisco Manuel de Melo — Porto, 1921;

— História da Língua Portuguesa (conferência) — Lisboa, 1923;

— Selecta de Textos Arcaicos e Medievais (aprovada oficialmente como livro único) — Porto, 1923;

— Ortografia Portuguesa — Coimbra, 1928;

— Éclogas de Francisco Rodrigues Lobo (segundo a edição príncipe; prefácio e notas) — Coimbra, 1928;

— Fábulas de Fedro (aprovado oficialmente para o 5.º ano dos Liceus) — Coimbra, 1929;

— Cinquenta Fábulas de Fedro (adaptação para crianças) — Coimbra, 1929;

— Método Elementar de Latim (4.º, 5.º e 6.º anos) — 1936;

— De Belo Gallico (6.º ano dos Liceus) — 1936;

— Eneida (Liv. I, II e III — 7.º ano dos Liceus) — 1936;

— Poesias de Sá de Miranda — Porto, 1937;

— A Língua Portuguesa no século XVI (leitura comparada) — Lisboa, 1937;

— História do Liceu de Aveiro — Figueira da Foz, 1937;

— Gramática Elementar de Português (aprovada oficialmente para os 4.º, 5.º e 6.º anos) — 1938;

— Epítome de Gramática (1.º, 2.º e 3.º anos dos Liceus) — 1938;

— Livro de Leitura (aprovado oficialmente para os 1.º, 2.º e 3.º anos) — 1938;

— Selecta Literária (aprovada oficialmente como livro único para os 4.º, 5.º e 6.º anos) — 1938;

— Historiografia Alcobacense de Frei Bernardo de Brito — Porto, 1940;

— Como se devem ler os clássicos — Lisboa, 1941;

— Poesias de Filinto Elísio (selecção, prefácio e notas) — Porto, 1941;

— Alguns aspectos da linguagem de Machado de Assis — Coimbra, 1942;

— O Crime do Padre Amaro (análise das duas primeiras redacções) — Aveiro, 1943;

— O Hissope, de Cruz e Silva (reprodução de um manuscrito inédito do século XVIII, com prefácio e notas) — Aveiro, 1950;

— Poetas do Amor — Porto, 1950;

— Antimória, de Aires Barbosa (tradução) — Aveiro, 1960;

— Obras Portuguesas, de André de Resende (prefácio e notas) — Lisboa, 1963;

— Castilho e Bulhão Pato perante a memória de José Estêvão — Aveiro, 1965;

— O Infante D. Pedro, Duque de Coimbra e Senhor de Aveiro, na Literatura — Aveiro, 1965;

— Homenagem de Oliveira de Azeméis a Ferreira de Castro — Aveiro, 1970;

— Presença Ultramarina na Formação Tradicional da Juventude — Lisboa, 1971;

— Selecta Gil-Vicentina — Porto, 1973;

— Última Visita de Pangloss — Aveiro, 1975.

A Decoração do Moliceiro

DANIEL TÉRCIO RAMOS GUIMARÃES

O presente estudo foi realizado durante o ano lectivo de 82-83, culminando investigações anteriores sobre aspectos da construção naval na área da chamada ria de Aveiro. Apesar de ser a consequência dessa investigação, ele surge agora, à meus olhos, como o estabelecimento de bases de trabalho e, por isso mesmo, como um novo ponto de partida. Assim, os aspectos nele tratados não o são ainda de modo exaustivo; uma leitura atenta e esclarecida certamente encontrará lacunas neste texto. Porém, o que importa realçar é exactamente o facto de se pretender lançar aqui as bases de recolha e análise dos elementos imagísticos do barco moliceiro, tarefa que, se as condições forem propícias, pretendo desenvolver. Resta dizer que se trata de um texto aberto ao diálogo, à discussão e à polémica, sobretudo no que eles tenham de esclarecedor relativamente ao projecto de investigação das formas decorativas das embarcações navais populares desta região.

1. — O barco moliceiro é uma embarcação destinada à apanha do moliço na ria de Aveiro. De um modo geral, tem 15 m. de comprimento, mede entre as cavernas de água 7,50 m. e tem de boca 2,50 m. Conta 21 cavernas. Os costados são muito baixos, para facilitar a recolha do moliço. O castelo de proa, inteiramente coberto e fechado com porta e chave, serve de câmara de tripulantes e de paiol de mantimentos. O castelo da ré, onde se acondicionam o barril de água, as forcadas e as tamancas é coberto por uma tampa móvel, que serve de assento ao arrais. O mastro regula pelos 8 m. de altura e sustenta uma vela trapezoidal com uma superfície média de 24 m.². De fundo chato e pequeno calado, possui a «pá de borda» ou «toste» que substitui a quilha e que é colocada na borda do barco.

Os meios de propulsão são: a vela, a vara e a sirga. O primeiro já foi referido; o segundo consta de varas de 4 a 6 metros que os utentes firmam no fundo e empurram, a peito, em percursos sucessivos, da proa à ré. Quanto à sirga, trata-se de um cabo mais ou menos longo que permite puxar a embarcação a partir da margem; utiliza-se na passagem de canais mais estreitos ou junto às margens, sempre que o barco navega contra a corrente ou contra o vento.

A característica que tem despertado maior curiosidade é a sua decoração. Num artigo sobre a decoração das embarcações populares portuguesas, L. Chaves diz:

«O moliceiro é o barco mais ricamente decorado e mais decorativo» (...) «Na arte popular, a decoração dos moliceiros tem lugar especial: arte de imaginar, pintar e colorir, que dá aos moliceiros aspectos de iluminura na proa, principalmente, e na ré por complemento de efeito» ⁽¹⁾.

É este o tema do presente trabalho: a decoração do barco moliceiro, sua análise e suas

relações com outras características locais. A bibliografia que existe sobre o assunto é reduzida e, na generalidade, estranha a uma investigação antropológica. Em alguns desses artigos, junto de dados etnográficos, abundam os equívocos (para não dizer os desvios) ecológicos, que fazem do moliceiro e da sua decoração um reflexo mecânico das condições naturais ⁽²⁾; aí quase se dá a imagem de um autóctone «puro», aberto por inteiro às impressões do meio, como se se tratasse de uma espécie de vasilha livre à entrada das imagens da ria. A ordem cultural é então, nessa perspectiva, um reflexo ou um prolongamento da ordem natural: o moliceiro, enquanto artefacto, é tão-só o reflexo das condições do meio.

Nesta lógica, Hélder Pacheco, num artigo inserido no Boletim da ADERAV, afirma referindo-se às embarcações da ria:

«Nesta zona, as actividades produtivas tradicionais são: a agricultura, extracção do sal (em declínio), pesca, apanha do moliço (em rápido desaparecimento). Os cursos de água são fontes de sobrevivência e vias de comunicação entre pontos, às vezes afastados dezenas de quilómetros. Tal facto deu origem à concepção de embarcações adequadas ao meio, por serem soluções funcionais para necessidades específicas: transporte de sal, apanha de moliço, captura e transporte de peixe e transportes fluviais» ⁽³⁾.

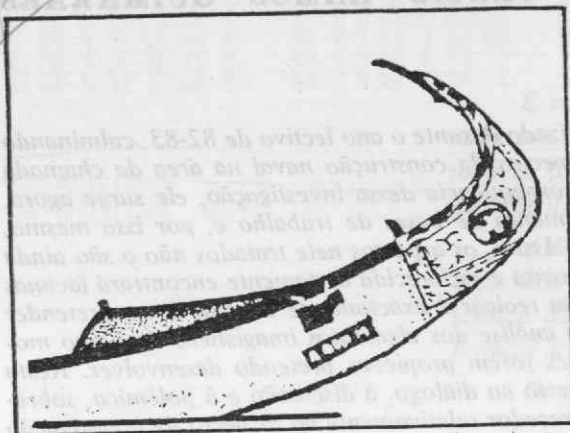
A questão é que tal perspectiva parece ineficaz para explicar muitas das características daquelas embarcações em geral e do moliceiro em particular. Já sem falar na decoração, que os seus exemplares ostentam, pergunto, por exemplo, a que função natural responde a elevação da sua proa?

Certamente não são as condições naturais da ria, pois todos estes barcos sulcam as mesmas águas, nem as funções de trabalho, pois, actualmente, com o desaparecimento

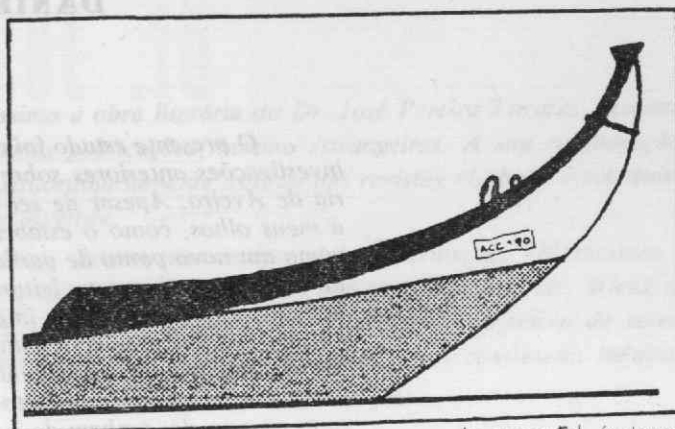
progressivo dos moliceiros, existe uma troca de funções.

Já não é a ordem natural, mas sim a ordem cultural, que pode esclarecer o assunto. Com efeito, a relação do homem com a natureza

de sistemas simbólicos, na primeira linha dos quais se colocam a linguagem, as regras matrimoniais, as relações económicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas visam a exprimir certos aspectos da reali-



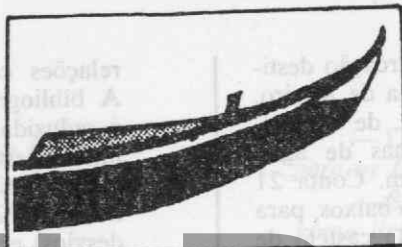
proa de moliceiro



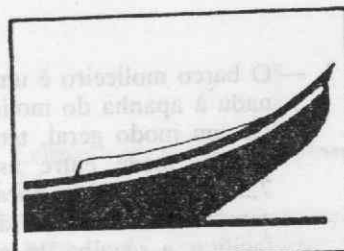
proa de mercante (saleiro)



proa da baiteira caçadeira



proa da baiteira labrega



proa de baiteira enveira

é medida pela cultura. Como diz Leslie White:

«Assim (com símbolos) o homem criou um novo mundo para nele viver. Certamente ele não deixou de palmilhar a terra, de sentir o vento no rosto, de escutá-lo suspirar nos ramos dos pinheiros; ele bebeu a água dos rios, dormiu sob as estrelas e levantou-se para saudar o sol! Nada mais era como antes. Tudo estava «banhado por luz celestial» e havia «sugestões de imortalidade» em cada mão. A água já não servia mais apenas para saciar a sede; poderia tornar a vida eterna. Entre o homem e a natureza interpunha-se o véu da cultura, e ele nada poderia enxergar a não ser através desse véu. Ele ainda usava seus sentidos. Lascava pedras, caçava cervos, acasalava-se e procriava. Mas tudo era permeado pela essência das palavras: os significados e valores que estavam além dos sentidos. E esses significados e valores o orientavam, além de orientar seus sentidos, tendo muitas vezes precedência sobre eles» (4). A natureza torna-se cultura não pela correspondência ou transposição de unidades naturais para unidades culturais, mas pela integração de elementos naturais numa ordem que caracteriza a cultura. Em suma, a cultura não deriva directamente da experiência ou do acontecimento, na medida em que a prática humana se realiza num mundo já simbolizado.

Toda a cultura pode então, no dizer de L. Strauss, «ser considerada como um conjunto

dade física e da realidade social, e, mais ainda, as relações que esses dois tipos de realidade mantêm entre si e as que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros» (5).

2. — O esclarecimento destas questões parece importante para uma análise eficaz e profícua da decoração do moliceiro. Esta análise incidirá especialmente sobre mais de 30 reproduções de pinturas nas proas e nas rés, a preto-e-branco e a cores, recolhidas em diferentes locais da ria de Aveiro e espaçadas no tempo dos anos 50 a 1982. Além disso, a observação in loco por mim realizada e a vivência no meio, bem como a consideração de outras reproduções publicadas, terão alguma importância na abordagem do tema. Uma primeira questão que se pode pôr diz respeito à proveniência das decorações... Tratar-se-ia, neste caso, de caminhar pelo tempo em sentido contrário, procurando determinar a sua paternidade cultural. Porém, as dificuldades de tal projecto seriam imensas. Neste âmbito, podemos talvez perguntar se as decorações que hoje encontramos no moliceiro sempre o acompanharam ao longo do tempo (sofrendo certamente inevitáveis alterações), ou se constituem registos que lhe eram exteriores e que a partir de determinada altura foram aplicadas nos barcos. Trata-se ainda de uma questão de difícil resposta. Mesmo que admitamos a primeira daquelas hipóteses, a questão da

origem destas embarcações perde-se no tempo. O que é certo é que a actividade de recolha de molicho por barcos especializados existe seguramente desde os princípios do século passado ⁽⁶⁾.

Actualmente, admite-se que a profissão de moliceiro, enquanto actividade profissional especializada, é relativamente recente e resulta da expansão agrícola. Antes desta especialização, a recolha do molicho era assegurada directamente pelo camponês que com ele adubava os seus campos.

O barco moliceiro é, ordinariamente, tripulado por 2 homens — patrão ou arrais e moço — que se tratam por camaradas e cujas funções se confundem; estas constituem-se em duas actividades realizadas simultaneamente: manobrar o barco e recolher o molicho com os ancinhos. Todos os instrumentos de bordo, a aparelhagem e as acções dos tripulantes têm nomes próprios ⁽⁷⁾. O moliceiro trabalha quase sempre de dia, durante grande parte do ano, especialmente nos meses de verão. A partir de 1912, estabeleceu-se um período de defeso que vai de 24 de Março a 23 de Junho, com a finalidade de proteger as espécies botânicas que entram na composição do molicho e as espécies faunísticas que aí se abrigam e procriam. É frequente os tripulantes pernovernarem no barco, utilizando para o efeito o castelo de proa.

As decorações que o barco enverga não têm, à partida, rigorosamente nada a ver com a vontade de qualquer dos seus tripulantes. Elas são da autoria exclusiva do mestre barqueiro que as realiza a seu gosto. Podem posteriormente vir a ser retocadas por terceiros, mas a proveniência do seu colorido e das formas pintadas cabe por inteiro ao construtor do barco.

Os mestres barqueiros têm os estaleiros situados em Ílhavo e na Murtosa. Actualmente, pouquíssimos subsistem na Murtosa. A construção naval, aqui, passa de pais para filhos. D. José de Castro refere a família dos «Raimundos» na Murtosa como a mais famosa neste mester ⁽⁸⁾. Para a construção da embarcação, o barqueiro serve-se de uma série de moldes, de uma vara a que chama «pau dos pontos», que constitui um sistema de reconversão de medidas, e de um simples cordel.

Os moldes e o «pau dos pontos» atravessam gerações de barqueiros sem que estes lhes alterem a tradição. Para as decorações não existem moldes visíveis.

Depois do barco pronto e devidamente aparelhado, procede-se ao bota-abaixo: o barco é conduzido à ria, ornamentado com galhardetes ou bandeirinhas de cores variadas que o barqueiro arvora nas duas bicas (da proa e da ré) em pequenas hastes provisórias, rematadas com ramos de flores silvestres, carregado sobre duas zorras puxadas por 3 juntas de bois. Esta operação tem sempre lugar ao sábado.

3. — O facto da decoração provir do génio criador do mestre, fazendo parte e finalizando a construção do barco, é sem dúvida um dado importante que não se deve perder de vista. Há como que um processo alquímico pelo qual o artefacto é trazido à luz do dia — processo pelo qual o barqueiro investe o seu esforço e a sua sabedoria na criação de um ente animado.

Esta noção de barco-ente-animado é justamente posta em relevo, por exemplo, por Octávio Lixa Filgueiras num artigo intitulado «A propósi.o da protecção mágica dos barcos do Douro» ⁽⁹⁾. Neste estudo, o autor faz uma breve resenha histórica sobre o modo como se têm concebido as embarcações: do barco enquanto veículo sagrado ou de ritual (comum ao Egipto faraónico e à Idade do Bronze entre os nórdicos), passou-se à concepção de barco-ente-animado; «inicialmente através de sacrifícios de sangue — imolações de pessoas ou de animais — era procurada a transferência dos poderes físicos ou espirituais das vítimas oblatas, incorporando-as intimamente nas madeiras dos cascos recém-construídos. Daí a origem de algumas figuras de proa» ⁽¹⁰⁾.

Temos aqui, finalmente, o primeiro dado para a explicação da decoração do moliceiro. Porém, a observação daquele investigador centra-se sobre os barcos poveiros, cujas proas ostentam pinturas de olhos, cruzes e uma ou outra inscrição de pendor religioso. Ora, no que diz respeito ao moliceiro, os motivos de decoração são bastante mais variados: comportam representações esquemáticas mais ou menos abstractas, motivos florais diversos, emblemas, signos de protecção e de identificação, figuras humanas masculinas e femininas, figuras animais, lendas de sabor diverso (patrióticas, religiosas, jocosas, etc.), distribuindo-se por áreas definidas no exterior e interior do barco. Perante tal profusão de elementos decorativos, a hipótese de barco-ente-animado parece submergir na rede inextricável de formas, cores e palavras. À primeira vista, parece que o mestre barqueiro apenas se preocupou em encher algumas áreas com elementos variados, ao sabor da inspiração de momento, combinando ou recombinao «casualmente» as formas, as cores e as lendas de que dispõe. Será assim?

O que podemos verificar é, primeiro, se as relações entre os elementos decorativos é aleatório ou, pelo contrário, se se rege por qualquer espécie de lei. Em segundo lugar, podemos também verificar a regularidade ou não regularidade das áreas pintadas e sua relação com os nomes das mesmas. Finalmente, e em terceiro lugar, podemos procurar similitudes entre os motivos decorativos do moliceiro e decorações noutros artefactos.

Começando pela terceira destas questões, é imediato o reconhecimento de fortes semelhanças entre os elementos decorativos do

(moliceiro e os que animam os jugos e cangas vareiras ⁽¹¹⁾).

Para lá da semelhança entre alguns dos seus motivos — elementos florais mais ou menos geometrizados — podemos destacar a gama de cor e a localização geográfica de oficinas e estaleiros. Quanto ao cromatismo, a canga vareira utiliza talvez uma gama mais alargada, mas igualmente próxima das cores primárias. Curioso é o facto de o moliceiro, tal como a canga vareira, apresentar inicialmente a cor amarela ⁽¹²⁾.

Partes do moliceiro e áreas decoradas no mesmo



Quanto à localização dos estaleiros e oficinas de barqueiros e jogueiros, há uma proximidade geográfica; em Estarreja e Ílhavo encontram-se tradições numa e noutra actividade.

É importante, para o esclarecimento da exposição, lembrar que estas questões se põem a partir da vontade de verificar a hipótese barco-ente-animado, no que concerne ao moliceiro. Vejamos pois a segunda das questões: determinação das áreas pintadas no moliceiro e sua relação com os nomes das mesmas.

Uma afirmação proferida por L. Chaves num interessante artigo sobre «A decoração dos nossos barcos» ⁽¹³⁾ permitiu-me levantar a ponta do véu.

Diz aquele investigador:

«Os barcos vestem-se como se vestiram os corpos, e se enfeitaram, guarneceram, defenderam com o que vestiram e como o vestiram» (...) «O homem coloriu-se, desde a pele ao traje, das coisas que usa às que o abrigam e protegem.»

Depois, em nota de rodapé, esclarece:

«Nos barcos, como nos vestidos, há faixas coloridas, paralelas ou não, grades ou xadrez,

baras, flores estilizadas ou realistas, emblemas, etc. O princípio do revestimento é o mesmo.»

Tal como o corpo, o barco veste-se e enfeita-se. Ou, se quisermos, tal como o corpo pode ser tatuado por intermédio de pequenas incisões e da aplicação de pigmentos coloridos, também os costados e a madeira se impregnam de tintas; num e noutro caso oferecem o espectáculo das legendas saborosamente picantes ou evocativas, das figuras provocantes, emblemáticas ou religiosas, de-

bruadas por cercaduras geometrizadas.

O moliceiro possui então zonas que evocam mais ou menos directamente os órgãos do corpo:

as «bicas» na proa e na ré;

as «mãozinhas» ou «golfinhos», situadas sobre o castelo de proa (que servem para amarração da sirga, descanso dos ancinhos, das varas, do fuso ou para fixação do respectivo cabo);

a «orelha» situada a estibordo, atrás do painel de proa (que, conjuntamente com a corrente, serve para prender o barco ao moirão, protegendo-o do atrito).

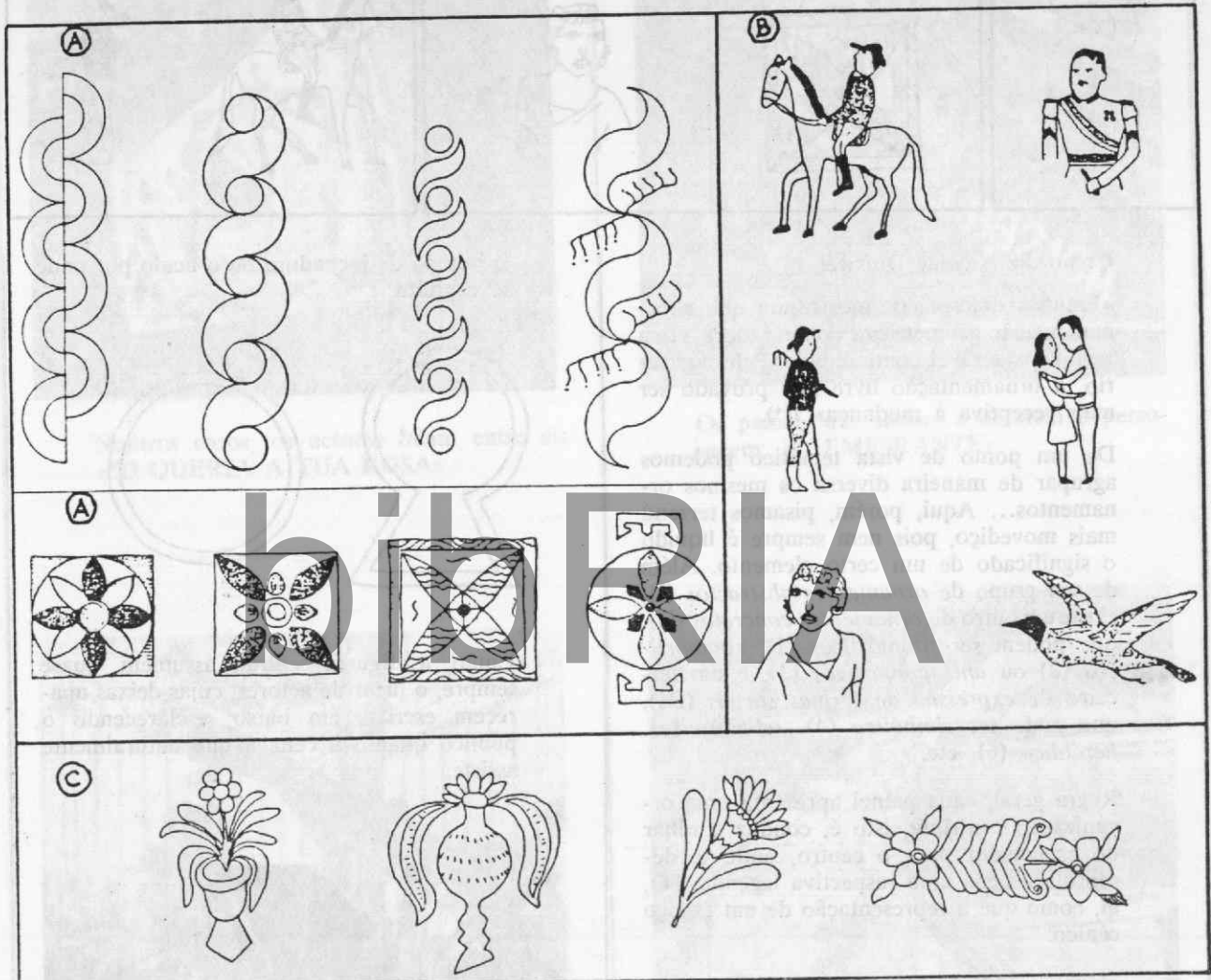
O barco torna-se assim, por efeito dos nomes das suas partes, por adição das suas tatuagens, um ente-vivo, o terceiro «camarada». O seu corpo — a sua pele — é então iluminada, não em pontos ao acaso, mas em áreas específicas, importantes quer pela exibição que proporcionam vistas do exterior, quer pela protecção que garantem no interior. Temos 4 painéis, diferentes entre si, 2 de proa e 2 de ré, visíveis do exterior. Cada um deles apresenta no centro uma representação figurativa com respectiva legenda; o espaço central pode ser ainda acabado de

preencher com um motivo floral; finalmente todo este conjunto é envolvido por frisos mais ou menos geometrizados e estilizados. A maioria dos autores reconhece um carácter mais ou menos nobre aos painéis da proa e maior sugestividade e espírito aos da ré com respectivas legendas.

São ainda decoradas a bica de proa, que apresenta ordinariamente o terminus de um motivo floral simétrico que se inicia na cobertura do castelo de proa, e as «mãozinhas» ou «golfiões» sobre os quais se encon-

tagem jamais é inocente, pois pressupõe um critério de análise e classificação. Complementarmente, ao realizar tal operação «desmancha-se» a «unidade estética» que cada painel ostenta. Por outro lado, o exercício pode ser útil e frutuoso para uma leitura correcta dos motivos apresentados e, sobretudo, para uma determinação da regularidade de ocorrência dos mesmos.

(Seguindo um critério morfológico, podemos considerar três categorias de ornamentos:



tram pintados um rosto masculino e um rosto feminino. Já no espaço interior, a porta do castelo de proa ostenta por vezes signos de protecção mágica (o signo-saimão) e uma cercadura com motivos florais.

O signo identificativo do construtor surge pintado na parte superior do leme. Regra geral, todos estes motivos são pintados nas cores primárias — amarelo, encarnado, azul — a que se junta o verde.

4. — Pegando no conjunto de motivos decorativos observados e realizando uma desmontagem dos mesmos, podemos estabelecer algumas categorias. É evidente que tal desmon-

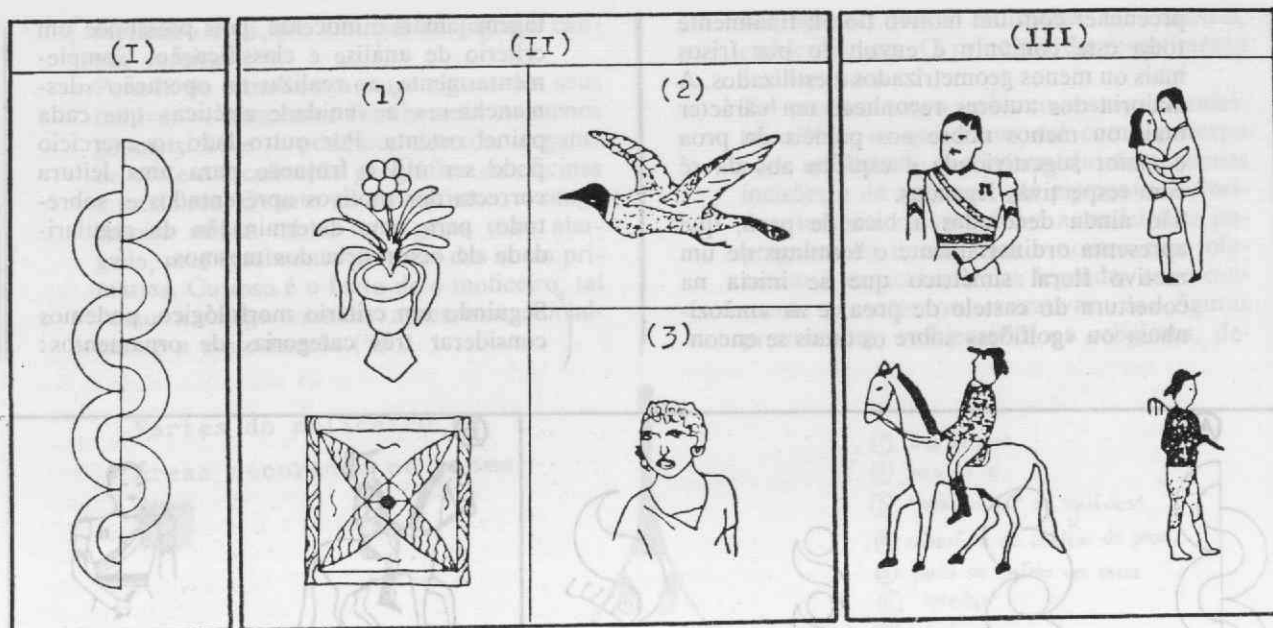
A — Elementos, desenhos e composições ornamentais geométricas ou geometrizadas;

B — Desenhos livres, isto é, aqueles que não são geométricos;

C — Composições ornamentais mistas.

Cada painel apresenta uma organização regular: à medida que se aproximam da periferia, as decorações tornam-se mais geometrizadas.

Paralelamente, relacionando os diferentes painéis, podemos afirmar que existe maior regularidade nas formas de expressão da categoria A e maior liberdade de expressão na categoria B.

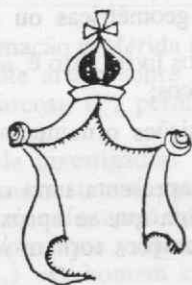


Como diz Nicolae Duñare:

«Estudos diacrónicos mostraram que a ornamentação geométrica é conservadora e tem uma considerável continuidade. Pelo contrário, a ornamentação livre tem provado ser mais receptiva à mudança» (14).

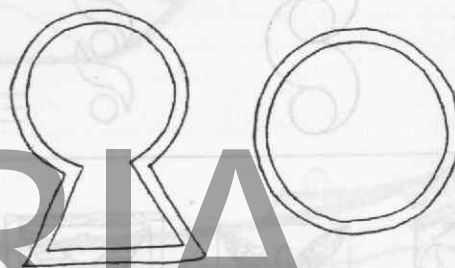
De um ponto de vista temático podemos agrupar de maneira diversa os mesmos ornamentos... Aqui, porém, pisamos terreno mais movediço, pois nem sempre é líquido o significado de um certo elemento. Além de um grupo de *ornamentos abstractos* (I), existe um outro de *ornamentos concretos* (II), que podem ser *fitomórficos* (1), *zoomórficos* (2) ou *antropomórficos* (3), e um terceiro de *expressão de formas sociais* (III), que pode ser *simbólico* (4), *religioso* (5), *heráldico* (6), etc.

Regra geral, cada painel apresenta uma organização centrípta, isto é, conduz o olhar do espectador para o centro, onde se desenrola a cena com respectiva legenda. Há, aí, como que a representação de um espaço cénico:

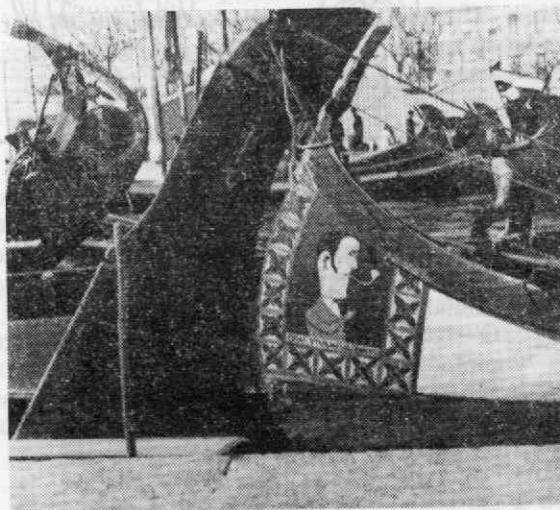


Os cortinados que se abrem desvendando os actores (quase sempre, homens e/ou animais);

O buraco de fechadura ou o óculo por onde se espreita...



Então, as figuras centrais assumem, quase sempre, o lugar de actores, cujas deixas aparecem escritas em baixo, esclarecendo o público quanto à cena a que naturalmente assiste.



Por vezes, o actor interpela directamente o público: «ORA! VIVA MEUS SENHORES»



Noutros casos, os actores falam entre si:
«SÓ QUERIA A TUA ROSA»



Os painéis que situam e definem o personagem: «O EMIGRANTE»



Há também os painéis que incluem uma voz de origem indeterminada: «A PROCURA DOS TRÊS»



E, finalmente, os que ostentam o nome do «encenador» que, no caso, é também o criador do «texto teatral» e o arquitecto do «teatro»

A variedade e a profusão de elementos decorativos é, assim, esclarecida e decifrada em sistemas. Estes constituem modos de perceber o real (venha ele da natureza ou da sociedade) e que procedem a uma classificação sobre a tectura exterior realizando sobre ela uma ordenação que lhe é estranha. Na decoração dos moliceiros estão presentes os sistemas simbólicos dos seus construtores. Assim, podemos encontrar nos motivos decorativos:

— uma caracterização e uma classificação social (ou socio-profissional);

— uma ordenação natural, em especial uma classificação botânica, que parece presente também nas cangas e jugos da mesma área geográfica;

— uma ordem mágica, que consiste na utilização de sinais de protecção (porta do castelo de proa) e nas figuras masculinas e femininas nas mãozinhas. ⁽¹⁵⁾

5. — Esta exposição sobre a decoração do moliceiro passou pela abordagem de 3 aspectos nucleares:

I) Verificação da hipótese barco-ente-ani-

mado ou barco-corpo, bissexuado e tatuado; II) Interpretação dos painéis como representações cénicas a que se assiste ou que se espregam;

III) Detecção no conjunto das formas decorativas de sistemas de integração e classificação do real.

Obviamente, qualquer destas abordagens poderia ser mais e melhor desenvolvida e aprofundada... Por outro lado, questões como as do dinamismo dos elementos decorativos e introdução de elementos que lhes eram geneticamente estranhos ficam por abordar; outras — como a questão das relações entre as formas decorativas do moliceiro e outras expressões artísticas populares da mesma área geográfica — foram apenas esboçadas. De qualquer modo, houve a preocupação de inverter a tendência de investigação nesta matéria, que até à data se tem limitado ora a considerações vagas e saudosas, ora a uma mera descrição etnográfica de dados. As conclusões estão ainda e apenas desvendadas, mas as vias para as atingir ficam, assim o espero, mais nítidas.

Daniel Tércio Ramos Guimarães

NOTAS

(1) — Chaves, Luís, *A decoração dos nossos barcos*, p. 53 in «Broteria» XLI.

(2) — Vide, por exemplo:

— Dr. Alberto Souto citado por Celestino Gomes in *Os motivos da decoração ilhavense*, Minerva ed., 1932: «A semelhança do bico da gaivota com o feito da proa é flagrante.»

— Rocha Madahil, *Barcos de Portugal* in «Vida e Arte do Povo Português»: «os dois painéis da proa e as suas cercaduras são bem a réplica achada pelo incola da região ao colar de penas de vivo colorido que certas aves aquáticas, certos palmípedes, apresentam ao pescoço, como se à imagem e semelhança delas o barco tivesse sido concebido pelo seu remoto criador.»

— Helder Pacheco, *Pinturas dos barcos da Ria*, boletim da A. D. E. R. A. V., Maio/Junho de 1980. (A propósito da actividade criadora dos mestres barqueiros, afirma:) (...) «uma observação atenta e amável das coisas concretas, donde se desprende um encantamento, uma clareza, uma alegria, que transforma as pinturas em instantâneos apaixonantes de um quotidiano sensível, que comprova a ideia dos pintores serem gente com ria, campo, paisagens e animais bem perto de si.»

(3) — Helder Pacheco, *Pinturas dos barcos da Ria*, boletim da ADERAV, Maio/Junho de 1980.

(4) — L. White citado por SANLINS, Marshal, *Cultura e Razão prática*, p. 121, Zahar ed., Rio de Janeiro, 1979.

(5) — L. Strauss *Introdução à obra de M. Mauss* in «Estruturalismo — antologia de textos literários», Português ed., p. 158.

(6) — Vide: Padre João Vieira Resende, *Mono-grafia da Gafanha*, Gráfica Ilhavense, Ilhavo, 1938. Na p. 273 diz-se: «Um decreto de 2 de Julho de 1802 lançou o imposto de 10 réis aos barcos maiores carregados de moliço e de 20 réis aos barcos menores.»

(7) — Vide: D. José de Castro, *Estudos etnográficos AVEIRO*, obra ed. pelo Inst. para a Alta Cultura, 1943.

Vide também: *Moliceiros*, publicação do posto de turismo da C. M. de Aveiro da responsabilidade de Diamantino Dias.

(8) — D. José de Castro, obra citada, p. 14.

(9) — In *memoriam António Jorge Dias*, Inst. de Alta Cultura, Lx., 1974.

(10) — Idem, p. 189.

(11) — Para a decoração, o mestre jogueiro começa por utilizar moldes de cartão ou de papel que lhe permitem passar o desenho para a madeira; depois segue-se o trabalho de goiva e, finalmente, a pintura tradicional, destacando-se os fundos em amarelo e, sobre eles, o desenho revestido de verde, vermelho, azul, laranja, roxo e branco.

(12) — No caso do barco a cor amarela é obtida por efeito do embleamento a pez louro; mais tarde, logo que sofre a primeira reparação («Amanhação»), o costado é totalmente embleado a pez negro, menos oneroso e mais eficiente no calafeto e protecção. Daqui se conclui que o primeiro embleamento não resulta de uma função utilitária..

(13) — In «Broteria», XLI.

(14) — DUÑARE, Nicolae, *Criteria for the classification of folk ornaments*.

(15) — Uma possível interpretação seria alcançada pela relação destes motivos com o mito do andrógino; o moliceiro tornar-se-ia um ente sexualmente neutro, ou então bissexuado.

OBSERVAÇÕES

1. — As gravuras das proas de diversos barcos e da proa e do alçado lateral do moliceiro foram extraídos de desenhos incluídos nos «Estudos Etnográficos — AVEIRO», de D. José de Castro.

2. — As quatro gravuras seguintes — duas a toda a largura da página e duas pequenas — foram executadas sobre desenhos do autor.

3. — As últimas cinco gravuras — rés e proas de moliceiros — reproduzem fotografias do arquivo de Tércio Guimarães, pai do autor.

BIBLIOGRAFIA

GERAL

- DUNARE, Nicolae, *Criteria for the classification of folk ornaments*.
- LEVI-STRAUSS, *Introdução à obra de Marcel Mauss* in «ESTRUTURALISMO — antologia de textos literários», Portugália ed., Lx.
- SANLINS, Marshall, *Cultura e razão prática*, Zahar ed., Rio de Janeiro, 1979.

ESPECÍFICA

- Alberto Souto, *Etnografia da região do Vouga*, Coimbra ed., 1929.
- António Nascimento Leitão, *Aveiro e a sua laguna — estudo comparativo de temas regionais*, Livrar. Sá da Costa, Lx., 1944.

- Celestino Gomes, *Os motivos da decoração ilhavense*, Minerva ed., 1932.
- Jaime Cortesão, *Portugal, a Terra e o Homem*, Artis, s/ data.
- Jaime S. Pato, *Problemas da região de Aveiro*, tip. comercial, Anadia, 1948.
- Padre João Vieira Resende, *Monografia da Gafanha*, Gráf. Ilhavense, Ilhavo, 1938.

REVISTAS:

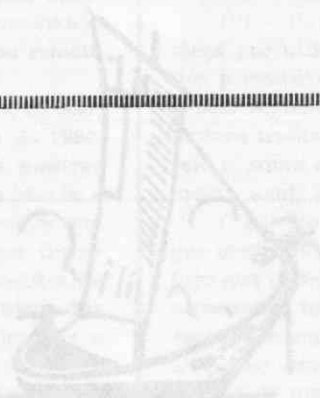
- Prof. Arq. Octávio Lixa Filgueiras, *Barcos da Costa norte, sua contribuição no estudo das áreas culturais*, Porto, 1964 e *A propósito da protecção*.
 - D. José de Castro, *Estudos etnográficos AVEIRO*, obra edit. pelo Inst. para a Alta Cultura, 1943. *mágica dos barcos do Douro* in «In memoriam António Jorge Dias», Inst. da Alta Cultura, Junta de investig. científ. do Ultramar, Lx., 1974.
 - Rocha Madahil, *Barcos de Portugal* in «Vida e arte do povo português».
 - *Aveiro e o seu distrito*, publ. semestral da Junta Distr. de Aveiro n.º 3, n.º 5, n.º 6 n.º 12, n.º 16, n.º 20, n.º 23/25.
 - *Arquivo do distrito de Aveiro*, vol. II, 1936 e vol. XXXIV, 1968.
 - *Boletim da Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro*, n.º 2 e n.º 4.
 - *Broteria*, vol. XLI.
- BROCHURAS: *Moliceiros*, publ. do posto de tur. da C. M. A. da responsabilidade de Diamantino Dias.



A SEDUÇÃO DA RIA

«Ninguém aqui vem que não fique seduzido, e noutro país esta região seria um lugar de vilegiatura privilegiado. É um sítio para contemplativos e poetas: qualquer fio de água lhes chega e os encanta. É um sítio para sonhadores e para os que gostam de se aventurar sobre quatro tábuas, descobrindo motivos imprevistos. É-o para os que se apaixonam pelo mar profundo, e para os medrosos que só se arriscam num palmo de água — porque a ria é lago e mar ao mesmo tempo. Com meios muito simples, um saleiro e uma barraca tem-se uma casa para todo o Verão. Pesca-se. Toma-se banho. E esquece-se a vida prática e mesquinha. Dorme-se ao largo, deitando-se a fateixa ou abica-se ao areal: um fogaréu, uma vara, a caldeirada... Começam a luzir no céu e na ria ao mesmo tempo miríades de estrelas. Vida livre dalguns dias, de que fica um resíduo de beleza que nunca mais se extingue. É a ria também sítio para os que querem descobrir novas terras à proa do seu barco e para os que amam a luz acima de todas as coisas. Eu por mim adoro-a. É-me mais necessária que o pão. E é este talvez o ponto da nossa terra onde ela atinge a beleza suprema. Na ria o ar tem nervos. A luz hesita e cisma e esta atmosfera comunica distinção aos homens e às mulheres, e até às coisas, mais finas na claridade carinhosa, delicada e sensível que as rodeia. A luz aqui estremece antes de pousar...»

RAUL BRANDÃO
(Em *Os Pescadores*)



ESTATUETA DE SANTA JOANA

É honroso dever de uma comunidade recordar e homenagear os seus antepassados que se ergueram sobre o comum dos homens, num ou noutro aspecto do viver quotidiano. Todavia, não se pretende lembrar alguém apenas como mera



formalidade; seria um acto frio, embora de sabor histórico, mesmo que imortalizado em pedra ou em bronze. O que se deseja é que o exemplo desses homens ou dessas mulheres anime os

presentes na coragem em vencer dificuldades, em tomar atitudes, em realizar acções cujo benefício redunde em favor de todos.

Obedecendo a tais aspirações, deliberou a Câmara Municipal, dentro do Plano de Actividades para 1983, mandar executar duas estatuetas da Princesa Santa Joana — aveirense adoptiva que entre nós viveu e morreu e cujos restos mortais religiosamente guardamos. Uma dessas estatuetas, executada em «biscuit» pela Fábrica da Vista Alegre, obedeceu a uma série numerada e limitada a 1000 exemplares; a outra, feita em barro vermelho na oficina de José Augusto, não tem limite de exemplares. Esta edição foi precedida de um concurso aberto em Janeiro de 1982, em que participaram sete artistas com onze trabalhos.

Se para a segunda estatueta — a de barro vermelho — foi escolhida uma modelação de D. Maria Graciosa Mendes de Carvalho, para a primeira — que a gravura reproduz — foi contemplado o trabalho de Jorge José de Figueiredo. Esta é uma pequena imagem, graciosa e espiritualizada, que mostra a simbologia iconográfica de Santa Joana, vestida de hábito dominicano, com o crucifixo e coroa de espinhos nas mãos, com três diademas reais aos pés e com o brasão de Princesa de Portugal.

De execução perfeitíssima no pormenor, esta estatueta continua a ser procurada na Câmara Municipal não só por coleccionadores mas também por aqueles que querem possuir uma bela recordação de Aveiro ou uma lembrança da sua Padroeira.

PADROEIRA DE AVEIRO

DOIS TESTEMUNHOS

«Pertence ao Mosteiro de Jesus de Aveiro a Princesa Dona Joana, como qualquer filha de profissão dele; porque, ainda que não chegou a professar solenemente, impedida primeiro por seu Pai, e Irmão, e por todo o Reino, e depois por escrúpulo próprio de se ver cercada de muitas enfermidades; contudo, em seu ânimo e obras, foi verdadeira Religiosa.»

FREI LUIS DE SOUSA

(História de S. Domingos, II, V, I)

bibRIA

«E ainda que de tão nova idade fosse, quantos a viam e ouviam julgavam ser de vinte e cinco ou trinta anos, por sua grande prudência e saber. Era no rosto e corpo mui aposta, a fronte mui graciosa, os olhos verdes mui formosos, o nariz meão e de boa feição, a boca grossa e revolta, rosto redondo, o carão alvo com alguma quanta quer cor bem posta, mui formosa garganta e mãos mais do que se pudesse achar e ver a nenhuma outra mulher, alta e grande de corpo direito, mui aposte e airoso à vista e representação de grande senhora e estado».

SOROR MARGARIDA PINHEIRA

(Em Memorial, fl. 56, r, a-b)

Efemérides Aveirenses

1983

- 25 anos** — Faleceu em Aveiro o saudoso Arcebispo D. João Evangelista de Lima Vidal (5-1-1958).
- Faleceu o Coronel-Médico Dr. António do Nascimento Leitão, benemérito da cidade (11-1-1958).
- 75 anos** — Alguns aveirenses da «Beira-Mar» decidiram fundar a «Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes» (Bombeiros Novos), cuja acta de fundação foi lavrada dois dias depois (28-11-1908).
- 175 anos** — Foi finalmente aberta a barra nova, a sul de São Jacinto, facto de excepional importância para Aveiro e para a sua região (3-4-1808).
- 300 anos** — Entraram solenemente no Recolhimento de São Bernardino as suas primeiras religiosas (2-4-1683).
- 525 anos** — Acompanhada por suas filhas D. Catarina de Ataíde e D. Maria de Ataíde e por uma virtuosa mulher, D. Brites Leitoa chegou a Aveiro e principiou a habitar as casas que foram o início do Mosteiro de Jesus (24-11-1458).

1984

- 25 anos** — Faleceu em Lisboa o ilustre aveirense Doutor José Maria Barbosa de Magalhães, professor universitário e jurisconsulto distinto, deputado e ministro (5-4-1959).
- O Papa João XXIII, numa expressiva mensagem autógrafa dirigida ao Bispo Diocese, associou-se às comemorações milenárias de Aveiro (14-7-1959).
- 75 anos** — O virtuoso aveirense D. João Evangelista de Lima Vidal, eleito, apresentado e confirmado como Bispo de Angola e Congo, foi sagrado na Sé de Coimbra (29-6-1909).
- Na velha Praça do Comércio, durante a inauguração do obelisco que lá foi erguido por iniciativa do Clube dos Galitos, tocou pela primeira vez a «Banda de José Estêvão» (Música Nova ou Música da Patela), organizada por António dos Santos Lé (26-12-1909).
- 100 anos** — A Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena tomou conta do Colégio de Santa Joana Princesa, que estava instalado no Mosteiro de Jesus (6-11-1884).
- O Bispo-Conde de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina, escreveu ao Ministro da Justiça um ofício, facilitando a cedência do antigo Convento de Sá para aí se estabelecer o Regimento de Infantaria 10 (1-12-1884).

150 anos

- Nos Paços do Concelho, D. Maria II foi solenemente aclamada como Rainha de Portugal (12-5-1834).
- Principiou a sua actividade a «Banda Amizade», também conhecida por «Música Velha» (22-11-1834).

175 anos

- Nasceu o insigne aveirense Dr. Manuel José Mendes Leite, a quem se ficaria a dever a iniciativa da abolição da pena de morte nos crimes políticos (18-5-1809).
- Nasceu em Aveiro o ilustre parlamentar e homem público José Estêvão Coelho de Magalhães, filho do Dr. Luís Cipriano Coelho de Magalhães, médico nesta cidade e em Eixo, donde era natural, e de D. Clara Miquelina de Azevedo Leitão (26-12-1809).

225 anos

- D. José de Mascarenhas, Duque de Aveiro, foi condenado à morte, como cúmplice no atentado contra el-Rei D. José I, na noite de 3 de Setembro de 1758; a sentença seria executada no dia seguinte, com requintes de ferocidade (12-1-1759).
- D. José I, por alvará desta data, elevou a vila de Aveiro a cidade (11-4-1759).
- Em observância do alvará de 11 de Abril, foi publicada a carta de lei de elevação de Aveiro a cidade (25-7-1759).
- Em sessão da Câmara Municipal, João de Sousa Ribeiro da Silveira fez entrega da carta que elevou Aveiro a cidade (29-9-1759).

400 anos

- Nasceu o insigne aveirense Doutor D. Vasco de Sousa, que seria cônego de Braga, de Évora e de Coimbra e reitor da velha Universidade (1-11-1584).

500 anos

- Em data incerta de 1484 chegou a Benim o navegador João Afonso de Aveiro.

550 anos

- Foi concedido um privilégio ao concelho da vila de Aveiro «para aí fazerem feira cada ano, que começará no primeiro de Maio e durará até dia de S. Miguel (dia 8) que são oito dias», e «os que a ela vierem comprar e vender pagarão só meia sisa» (27-2-1434).

1.025 anos

- A Condessa Mumadona Dias, senhora rica e virtuosa, fez nesta data um documento de doação pelo qual deu ao Mosteiro de Guimarães as terras que possuía em Aveiro e as salinas que aí comprara (26-1-959); é o primeiro documento histórico que regista o topónimo «Aveiro».





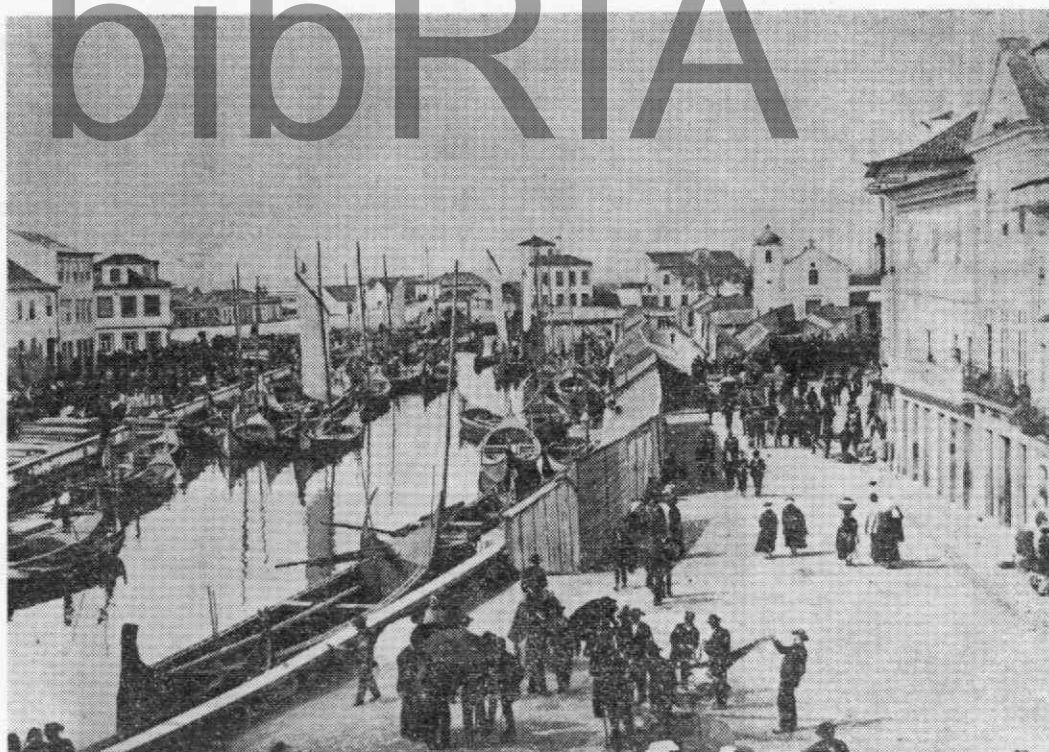
Aveiro Antigo

bibRIA



Aveiro, 1886 — Antiga praça da hortalça, junto ao canal e às pontes.

— Foto do arquivo de António Graça



Aveiro, 19 de Março de 1900 — Aspecto da feira da madeira, vulgarmente chamada «Feira de S. José», porque se realizava no dia dedicado a este Santo. A venda da madeira era feita na Rua da Alfândega e na Rua do Cais — hoje respectivamente dos Galitos e de João Mendonça. Ao fundo, vêem-se barracas para a «Feira de Março» (que brevemente iria começar) e a capela de S. João (demolida em Novembro de 1910).

— Foto do arquivo de António Graça



X Aveiro, 1926 — As pontes, posteriormente demolidas para aí se construir a actual ponte-praça.

bibRIA



Aveiro, 1930 — Aspecto do Largo da Estação, da Rua de Cândido dos Reis e da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho. O edifício do Hotel Avenida (depois Pensão Avenida) foi construído em 1922, conforme se lê no alto da sua fachada.

EVOCAÇÃO DE 1842

O Príncipe Félix de Lichnowsky nasceu em 1814; foi oficial do Exército Prussiano, que deixou em 1838, para servir D. Carlos de Espanha, de quem foi ajudante de campo. Regressou à Alemanha em 1840. Dois anos depois visitou Portugal. Em 1848 tomou assento no Parlamento de Francfort, mas foi assassinado nesse mesmo ano, após a assinatura do armistício com a Dinamarca. Escreveu um livro que, traduzido para português em 1845, tem o título de **Recordações do Ano de 1842**. É desse livro que extraímos o seguinte parágrafo, em que o autor evoca a sua passagem por Aveiro, em jeito de recordação:

— «Um resto de antigas estradas calçadas, que o Marquês de Pombal mandou fazer à custa de grande despesa, conduziu-nos, ao clarão da lua, por entre duas filas de grandes árvores desde Aradas até à cidade de Aveiro. Junto a uma antiga fonte, que se encontra no caminho, estavam algumas mulheres enchendo água; traziam à cabeça grandes cântaros, à semelhança de ânforas, e ofereciam de beber a um grupo de arrieiros e cavaleiros. Algumas dentre elas traziam chapéus de homem, de grandes abas erguidas, e longos capotes em que sabiam embuçar-se de um modo muito pitoresco. Caminhámos através de ruas muito estreitas e bastante animadas, entrámos uma porta da muralha — a da Vila — saímos por outra — a da Ribeira — até que finalmente parámos junto a uma hospedaria, onde fomos recebidos, chamada a **ESTALAGEM DA FELÍCIA**, na praça, que fica fora da muralha e defronte ao cais da ria».

(Vd. Marques Gomes, *Monumentos — Retratos — Paisagens*, cols. 205-206).

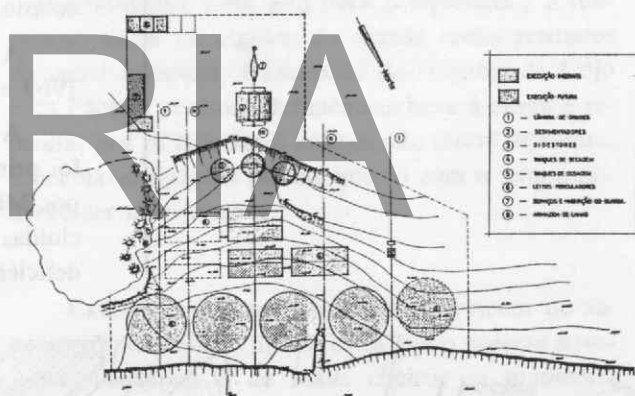
Considerações sobre o Saneamento de Aveiro

pelo Eng. José Arménio Sequeira Pereira

1 — Esgotos

O primeiro projecto de saneamento da cidade de Aveiro, mandado executar pela Câmara ao Eng.^o Henrique Pinto de França, foi entregue na Direcção de Urbanização de Aveiro em 1947. Este projecto englobava a rede de colectores da cidade e povoação limítrofe de Esgueira, as estações elevatórias, a estação depuradora e ainda uma estação de tratamento de lixos. A Junta Sanitária de Águas aprovou o projecto com alguns reparos, pelo que era preciso fazer uma revisão ao estudo.

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTOS
ESCALA = 1:500



Por impossibilidade do autor do projecto, foi encomendada em 1950 a revisão ao Eng.º Burnay de Mendonça e, em 2 de Junho de 1959, deu entrada na Direcção dos Serviços de Urbanização de Aveiro o projecto de revisão do Saneamento da Cidade de Aveiro. Desse trabalho fazem parte os seguintes pontos:

- **Redes de colectores** e seus acessórios;
- **Elevação de esgotos** (centrais compressoras, estação elevatória, condutas elevatórias, condutas de ar comprimido, desintegrador e estação elevatória final);
- **Estação de tratamento de esgotos** (câmara de grades, sedimentadores, digestores, tanques de secagem, tanque de doseamento,

leitos percoladores, armazém de lamas e casa do guarda.

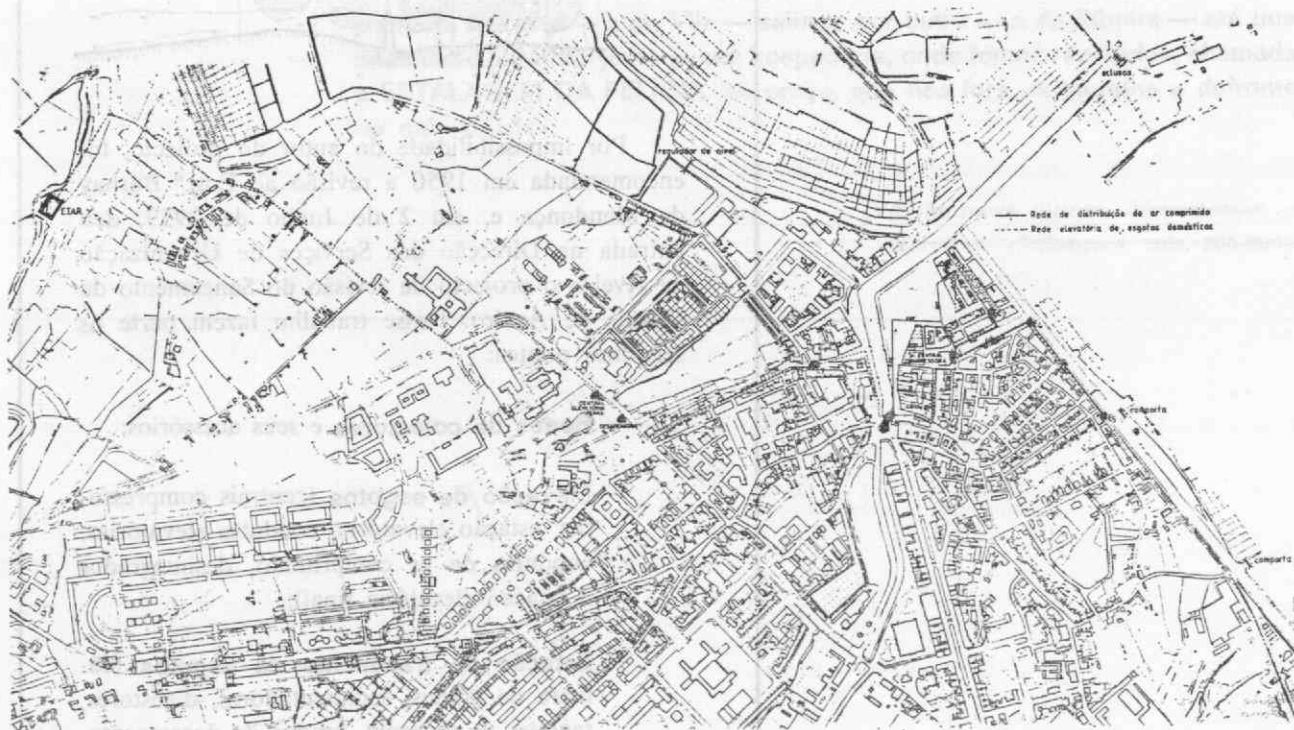
Em 18 de Novembro de 1960, o parecer do douto Conselho Superior de Obras Públicas foi favorável à aprovação do projecto, que Sua Ex.^a o Ministro homologou em 22 de Dezembro de 1960. Curiosamente a Junta Sanitária de Águas dizia no seu parecer: «a escolha de um tratamento biológico completo do efluente (cuja necessidade é discutível segundo opinião da Engenharia Sanitária) não pode constituir motivo de reprovação sanitária, pois o único inconveniente que dele poderá advir é de natureza económica».

Rede de esgotos — Foi sendo executada por várias empreitadas e pelos próprios serviços da Câmara. Depois de uma paragem prolongada, entregou-se há dois anos a empreitada final, referente à zona da Beira-Mar, que está nesta data praticamente concluída.

Elevação dos esgotos — Para fornecimento do equipamento electromecânico foi aberto concurso em 7 de Outubro de 1961 e adjudicado em Março de 1962, tendo sido entregue todo o equipamento de acordo com o caderno de encargos.

A estação elevatória final foi empreitada em 1969 e feita a sua recepção em 1971.

A parte de construção civil (casetas enterradas) foi primeiro adjudicada em 13 de Outubro de 1967 por 346 contos; contudo, estas obras, não foram concluídas e mesmo abandonadas pelo empreiteiro, por deficiências apontadas ao projecto, propondo-se exe-



cutar a construção por 3 137 contos (contra os 346 da empreitada). Em 18 de Fevereiro de 1969, foi feita nova adjudicação da obra, agora por 1397 contos, tendo esta sido concluída em 5 de Novembro de 1970.

Divergências de opiniões técnicas fizeram com que o equipamento electromecânico, já adquirido em 1962, não fosse então montado; só recentemente, em 1981, se tomou a decisão de o instalar.

Actualmente está em funcionamento uma estação elevatória (Albói); quanto às restantes, temos esperança de que possam entrar definitivamente em actividade no final deste ano.

Estação de tratamento de esgotos — Em 12 de Dezembro de 1962, foi adjudicada esta obra que, por abandono do empreiteiro, se viu interrompida no ano imediato. Posteriormente, em 1970, foi a obra melhorada e concluída a primeira fase, tendo entrado em funcionamento em 1979.

Está também em vias de conclusão um estudo de remodelação e ampliação, que será executado depois de testada a instalação actual com todas as elevatórias em funcionamento, a fim de avaliar o seu comportamento. Com esta obra completada e a funcionar, todos os esgotos da cidade serão retirados do canal principal, à excepção dos esgotos do Cojo e da Fábrica Aleluia. Deficiências haverá ainda a remediar por os colectores antigos não serem estanques e por haver ligações piratas que só com o tempo poderão ser solucionadas.

Executado na sua totalidade o projecto de saneamento da cidade, não se evita que o aspecto desolador, inestético e de maus cheiros se mantenha devido à influência das marés, a qual só durante parte do dia, mantém uma toalha líquida nos canais, tapando completamente as lamas existentes. Por tal motivo, pensou a Câmara encomendar um estudo que solucionasse o problema.

Um Gabinete técnico especializado apresentou o projecto da eclusa e comportas, a implantar no termo do canal das pirâmides — projecto esse que, uma vez executado, criará uma toalha líquida permanente e permitirá:

- 1.º — Tornar navegáveis o canal principal e o de S. Roque, a todas as horas do dia;
- 2.º — Desactivar as lamas dos fundos dos canais, eliminando os seus maus cheiros;
- 3.º — Alimentar as salinas ligadas aos canais e eliminar os inconvenientes de prováveis

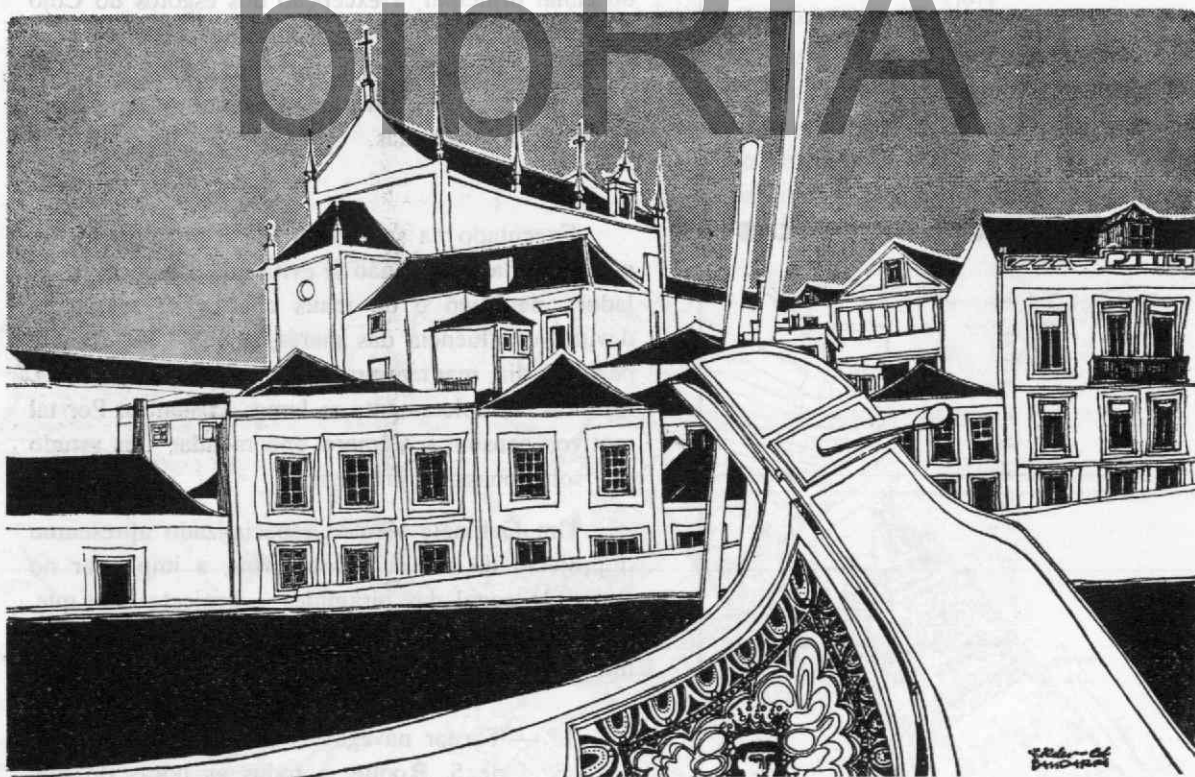
2 — Eclusas e Comportas

depósitos de assoreamento, por meio de descargas nocturnas com correntes de varrer.

Para evitar que a obra a executar ferisse o aspecto estético do ambiente em que é implantada, a sua concepção é tal que os elementos salientes não são notados.

A eclusa em si é dimensionada para a passagem de uma embarcação do maior calado com um canal lateral, controlado por um sistema de comportas e por uma descarga de fundo. As comportas são de eixo vertical, não ferindo o seu aspecto estético. Igualmente as comportas dos descarregadores laterais à eclusa serão de eixo vertical, pelo mesmo motivo.

Esta obra completa o plano de saneamento da cidade e permite que, no futuro, se passe a ter uma toalha líquida transparente navegável, de atraente aspecto, no canal principal e no de S. Roque, podendo mormente ser palco de provas e manifestações de atracção das gentes de Aveiro.



António dos Santos Lé

Evocação e Homenagem

Entre os habitantes de Aveiro no presente século, encontramos uma personalidade de grande destaque musical, pela acção relevante e profícua que exerceu no nosso meio. «Figura de homem do povo estreme» — como o classificou Eduardo Cerqueira (1) — António dos Santos Lé foi músico-nato e autodidata, executante e compositor, mestre de alunos e maestro de banda e de orquestra. Com sua energia comunicativa e invulgar sensibilidade, desvendava valores latentes, aglutinava boas vontades e impulsionava titubeantes.

Seu pai, António dos Santos, era de Ilhavo, e sua mãe, Ana Maria, da freguesia da Boa-Viagem, da vila da Moita; contudo, viviam em Lisboa, na freguesia de S. Miguel de Alfama, quando, em 1 de Setembro de 1879, aí nasceu António Lé, que, ainda criança e órfão de mãe, veio a ser internado no Asilo-Escola de Aveiro — hoje Internato Distrital. O pequeno adolescente, que sentia gosto em se considerar e ser considerado aveirense de adopção e de coração, começou muito cedo a revelar uma especial vocação para a música; foi aluno da respectiva secção e fez parte da sua banda.

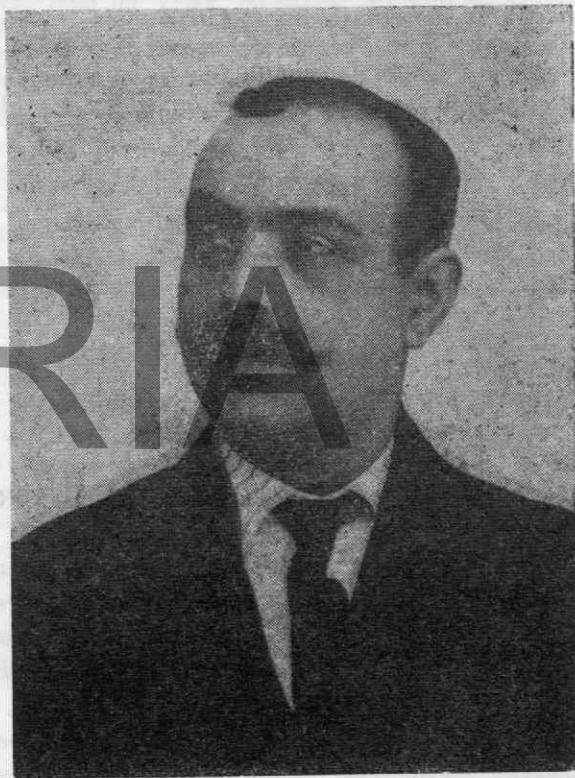
Atingindo os dezoito anos de idade, saiu do Asilo-Escola e, pouco depois, ingressou na Banda Amizade; logo aí se distinguiu como solista de cornetim. Mais tarde, auxiliado por bons amigos, fundou e impulsionou vigorosamente a Escola Musical de José Estêvão, onde ensinou e criou executantes, insuflando-lhe a mais vigorosa interpretação artística e imprimindo-lhe uma maturidade e uma disciplina raras vezes atingida em meios pequenos. Daqui surgiria uma grande banda, que seria a sua: a «Banda da Patela» ou a «Música Nova» que, iniciando a sua actividade em 26 de Dezembro de 1909 (2) e perdurando por muitos anos, viria a alcançar renome memorável e projecção prestigiante, mesmo fora das fronteiras (3).

Além disso, António dos Santos Lé passou a dirigir a banda do Asilo-Escola, sucedendo ao antigo professor. Com saber e tenacidade, o novo mestre conseguiu fazer do agrupamento juvenil uma banda altamente apreciável.

Manifestando-se como ensaiador carismático de grupos filarmónicos, de agrupamentos de corda e de massas corais, ensaiou ainda conjuntos de apoio e de dinamização de grupos cénicos famosos de amadores aveirenses, de revistas e costumes locais, de zarzuelas difíceis; manteve em elevado nível orquestras e coros que realçavam as cerimónias

litúrgicas, nomeadamente as da festa de Nossa Senhora das Candeias, tão arraigada na tradição das gentes da «Beira-Mar».

António dos Santos Lé era um homem essencialmente bom que, dando sem esperança de receber, interessava-se pelo bem-estar dos outros, procurava emprego para os sem-trabalho e alegrava-se com os talentos dos discípulos; trabalhador incansável por Aveiro, a quem tanto se dedicara e que tanto



dignificara, acabou por falecer em 21 de Maio de 1961, com 82 anos de idade, na cidade de Viseu, onde ficaram sepultados os seus restos mortais. «Aveirense que ajudou decisivamente a realçar e firmar a alma desta terra, exemplo de devoção e pertinácia de esforços, propagador do renome de Aveiro, ganhou indispensável direito a que a sua terra se honre, honrando-lhe o nome a tantos títulos exemplar» — assim escreveu Eduardo Cerqueira em 1979, no primeiro centenário do nascimento de António dos Santos Lé (4).

Com efeito, já em 14 de Janeiro de 1968, se realizara uma grande romagem a Viseu, à qual aderiram algumas das colectividades mais representativas de Aveiro, o Sport Club Beira-Mar, a banda do Internato Distrital e

muitas pessoas. Ai, na cidade de Viriato, houve um desfile até ao cemitério local; junto da campa, onde foi deposta e descerrada uma lápide, o Dr. David Cristo evocou o seu labor e a sua vida.

Chegara finalmente a ocasião de ser prestada uma homenagem na própria terra onde havia decorrido quase toda a sua existência.

Uma comissão de aveirenses — um grupo de antigos discípulos — lançou a ideia de preitear a sua memória. Os diversos actos, realizados sob o patrocínio da Junta de Freguesia da Vera-Cruz e da Câmara Municipal de Aveiro, efectuaram-se na cidade, no dia 25 de Setembro; do programa constou missa de sufrágio, desfile cívico, descerramento de placa toponímica, concerto musical e espectáculo folclórico.

Na ocasião, o Dr. David Cristo evocou o Homem e o Artista e disse que, «se não fosse a pequena dimensão de Aveiro, o homenageado mereceria honras nacionais»; e o Dr. José Girão Pereira, falando como Presidente da Edilidade, convidaria os aveirenses a seguirem o exemplo de António Lé em prol

da sua terra, «num momento em que o progresso da cidade e do concelho faz que os homens se esqueçam do Homem, dando prioridade aos valores materiais»..

Com esta celebração, tornaram-se autenticamente verídicas as palavras do Dr. António Cristo, publicadas aquando da sua morte: — «António Lé foi um grande artista musical e um aveirense como poucos; Aveiro, que muito lhe ficou a dever, nunca se lembrou de lhe prestar merecida homenagem em vida, que não depois de morto» (5).

J. G.

(1) — *Litoral*, n.º 1275, 7-12-1979.

(2) — Nesta data, em que ocorreu o primeiro centenário do nascimento de José Estêvão, foi inaugurado em Aveiro o monumento aos Mártires da Liberdade, na então Praça do Comércio (actualmente de Melo Freitas).

(3) — Também organizou e foi o primeiro regente da Banda Eixense, que remonta ao dia 1 de Janeiro de 1923.

(4) — Id.

(5) — *Litoral*, n.º 346, 10-6-1961.

bibRIA

Retrato da «Escola Musical José Estêvão»

«É função desta Escola Musical José Estêvão cultivar a música popular e educar crianças pobres, gratuitamente, no campo musical. Tem, por isso, uma orquestra e uma banda. (...) Esta banda é muito conhecida, tendo a sua fama já atingido terras de Espanha, onde tem ido algumas vezes. (...) A sua divisa é: Para bem da Arte. (...) Vive apenas dos próprios executantes que também sustentam o funcionamento da Escola para os aprendizes pobres.

Não havia nesta terra cinemas, cafés, futebol e outros passatempos; e assim, os sócios executantes, quando chegava a hora das lições e dos ensaios, compareciam, e assim trabalhava-se com amor e força de vontade. Hoje... é muito difícil.»

PEDRO DE FREITAS

(em «História da Música Popular em Portugal», Lisboa, 1946; pág. 474)

NOTICIÁRIO

Instalação da Assembleia Municipal

- Como consequência do acto eleitoral realizado no passado dia 12 de Dezembro, teve lugar no dia 3 de Janeiro do corrente ano, a instalação da Assembleia Municipal, que ficou assim constituída:

Francisco Fernando da Encarnação Dias, António Manuel Pinto Soares Machado, Henrique Manuel Marques Domingues, José Luís Rebocho de Albuquerque Cristo, António Rodrigues Garcês, Maria Josefa Pimentel Martins Cipriano, Manuel Maria de Melo Alte da Veiga, Albertino Moreira de Oliveira, Carlos Vicente Ferreira, Eduardo António Ramalheira, António Manuel de Carvalho Serra Granjeira, Fernando da Conceição Mendes, Maria Helena Dias Camelo, António Adérito Brás Coelho e Silva, Ernesto Carlos Rodrigues Barros, Domingos Simões Maia, João Pereira Soares, António Rocha Dias de Andrade, Gilberto Parca Madaíl, Helder Oliveira dos Santos Filipe, Carlos Manuel Natividade da Costa Candal, Maria Fernanda Figueiredo Gonçalves Neves, João Barreto Ferraz Sachetti Malheiro Távora, António Manuel de Almeida Alves, Rui José Gomes de Brito, Carlos Júlio Lourenço Paciência, Maria Antónia Corga de Vasconcelos Dias Pinho e Melo, Fernando Queirós de Almeida e Silva, Lúcio de Jesus Lemos, Silvério Conde Teixeira, Ulisses Manuel Brandão Pereira, Maria de Fátima Cardoso de Faria Tavares, Jaime Rodrigues Machado, António Correia Marques da Silva, Manuel Simões Madaíl, Fernando Augusto de Oliveira, Manuel Rodrigues Simões, António Henriques Sancho, João Gamelas da Silva Matias, Jaime Ferreira Marques Vieira, Eugénio Martins das Neves, Manuel Branco Pontes, Manuel Pereira Cabral Monteiro, Celestino Alberto dos Santos Antunes, António Ferreira da Silva e António José Valente.

Além dos vogais eleitos, tomaram assento neste órgão deliberativo os doze presidentes das Juntas de Freguesia do Concelho de Aveiro.

Após eleição da Mesa da Assembleia, ficou esta a ter a seguinte composição:

Presidente: Francisco Fernando da Encarnação Dias; Primeiro Secretário: António Rodrigues Garcês; Segundo Secretário: João Barreto Ferraz Sachetti Malheiro Távora e os restantes como vogais da mesma Assembleia.

Instalação da Câmara Municipal

- No dia 3 de Janeiro, perante o Primeiro Secretário, servindo de Presidente da Assembleia Municipal cessante, D. Judite Yolanda Capelo dos Santos, tomou posse a nova Câmara Municipal, eleita para o triénio de 1983/85, a qual passou a ter a seguinte constituição:

Presidente: Dr. José Girão Pereira; Vereadores: Eng.º José Arménio Sequeira Pereira, Eng.º Téc.º Vítor José Pedrosa da Silva, Capitão Luís António Moreira Tavares, Custódio das Neves Lopes Ramos, Professor Doutor Celso de Sousa Figueiredo Gomes e Dr. Manuel Maria Portugal da Fonseca.

Distribuição dos Pelouros Municipais

- Na reunião de 24 de Janeiro, foi deliberado, por unanimidade, que as várias tarefas municipais ficassem assim distribuídas:

Trânsito, Armazéns Gerais, Viaturas Municipais e Higiene e Limpeza: — Eng.º Vítor José Pedrosa da Silva.

Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto e Defesa da Ria, Solos Agrícolas e Meio Ambiente e Qualidade de Vida: — Professor Doutor Celso de Sousa Figueiredo Gomes.

noticiário-2

Comissão Municipal de Urbanismo: — Eng.º José Arménio Sequeira Pereira; Professor Doutor Celso de Sousa Figueiredo Gomes.

Mercados e Feiras: — Capitão Luís António Moreira Tavares; Custódio das Neves Lopes Ramos.

Complexo da Fábrica Jerónimo Pereira Campos: — Dr. Manuel Maria Portugal da Fonseca; Capitão Luís António Moreira Tavares; Custódio das Neves Lopes Ramos.

Cultura: — Custódio das Neves Lopes Ramos.

Habitação: — Presidente da Câmara, Dr. José Girão Pereira.

Comissão Municipal de Turismo: — Capitão Luís António Moreira Tavares.

Conservatório Regional de Aveiro — Representante da Câmara: — Custódio das Neves Lopes Ramos.

Comissão de Revisão de Posturas e Regulamentos: — Presidente da Câmara, Dr. José Girão Pereira; Dr. Manuel Maria Portugal da Fonseca; Custódio das Neves Lopes Ramos.

Centro de Coordenação Distrital de Protecção Civil: — Eng.º Vítor José Pedrosa da Silva.

Assembleia Distrital: — Presidente da Câmara, Dr. José Girão Pereira.

Comissão das Festas da Cidade

- Em 7 de Março, a Câmara Municipal nomeou, para constituírem a Comissão das Festas da Cidade/83, os Vereadores Capitão Moreira Tavares e Custódio Ramos e bem assim o Chefe dos Serviços de Turismo, Dr. Diamantino Dias.

Escultura de Santa Joana

- Na mesma reunião da Câmara Municipal foi deliberado editar uma série de esculturas de Santa Joana Princesa, limitada a 1000, a serem executadas na Fábrica da Vista Alegre, para se venderem ao público no preço de 6 500\$00.

Voto de Pesar

- Por proposta do Vereador Custódio Ramos, na reunião municipal de 21 de Março, foi deliberado exarar em acta um voto de profundo pesar pela morte do ilustre aveirense, Dr. José Pereira Tavares, e bem assim que a uma rua da cidade venha a ser dado o seu nome.

Feira de Março

- No período de 25 de Março a 30 de Abril decorreu em Aveiro a tradicional «Feira de Março». No dia da inauguração, esteve presente o Secretário de Estado do Emprego que, juntamente com outras individualidades civis e militares, passou por todo o recinto e visitou os dois pavilhões de exposição.

Apesar de, em todos os dias, a feira ter tido vida própria, foi sempre aos fins de semana que uma maior afluência se fez sentir, nomeadamente aos domingos; neles se exibiu um variado programa de animação, com espectáculos de folclore, promovidos pela Comissão Municipal e Turismo, em colaboração com o INATEL.

Assessor Cultural

- A Edilidade, em sua reunião de 11 de Abril, deliberou contratar para o cargo de assessor cultural o Padre João Gonçalves Gaspar.

A Câmara e os Bombeiros Novos

- Por proposta do Vereador Eng.º Sequeira Pereira, em 18 de Abril a Câmara deliberou solicitar ao Governo que, à Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, seja conferido o grau de Cavaleiro da Ordem de Benemerência, como reconhecimento dos altos serviços prestados à comunidade no decurso dos seus 75 anos de existência.

- Representação Municipal** ● Em 2 de Maio, a Câmara nomeou o seu Presidente para, em representação desta Autarquia, fazer parte da Assembleia Intermunicipal da Associação de Informática da Região Centro
- Medalha de Ouro para os Bombeiros Novos** ● Em 9 de Maio, a Câmara Municipal deliberou atribuir à Companhia de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, pela passagem do 75.º aniversário da sua fundação, a Medalha de Ouro da Cidade, em reconhecimento dos altos serviços prestados à comunidade.
- Festas da Cidade** ● As tradicionais Festas da Cidade, a cargo da Câmara Municipal de Aveiro, realizaram-se de 7 a 12 de Maio.
Do programa destacamos: — o festival de folclore no dia 8; um concurso (inédito) de confecção de ovos moles; o dia do artesanato; um sarau de ginástica, com a participação de atletas do Benfica, do Futebol Clube do Porto e do Beira-Mar; um ciclo de cinema, promovido pela Cooperativa «Grande Plano»; a prova ciclista Grande Prémio «O Comércio do Porto»; a entrega da Medalha de Ouro da Cidade aos Bombeiros Novos, em sessão solene; e as cerimónias religiosas (Missa e Procissão) em louvor de Santa Joana Princesa, Padroeira da Cidade e da Diocese, no dia 12, feriado Municipal.
- Feira do Livro** ● No período de 20 de Maio a 12 de Junho, no Largo de Melo Freitas, decorreu a Feira do Livro, que este ano se realizou pela décima segunda vez consecutiva. Regista-se o programa de animação, especialmente o do dia da agricultura, dedicado às crianças.
- Centro Coordenador de Transportes** ● Na reunião de 30 de Maio, a Edilidade deliberou aprovar o projecto do Centro Coordenador de Transportes.
- Representação Municipal** ● A Câmara, em 6 de Junho, deliberou nomear como seu representante substituto, na Assembleia Intermunicipal da Associação de Informática da Região Centro, o Vereador Dr. Portugal da Fonseca.
- Instalação do Conselho Municipal** ● No dia 17 de Junho, perante o Presidente da Assembleia Municipal, Francisco Fernando da Encarnação Dias, procedeu-se à instalação do Conselho Municipal, o qual passou a ter a seguinte constituição:
Mário Ferreira Henriques, Carlos Alberto de Jesus Moreira, Vasco Alves Lopes, Sebastião António Rendeiro, Arlindo Cruz, Joaquim Lopes da Cunha, Pedro Manuel Teixeira Rodrigues Carita, Duarte da Rocha, António José Souto Marques, Maria Isabel de Melo Órfão, Eugénio Martins das Neves, Luís Vítor de Azevedo Félix, Manuel Vieira Bacalhau, Manuel Horta, António José Venâncio Ferrer Correia, Francisco Manuel de Castro e Pinho, Daniel Rodrigues, António Pereira Campos Naia, João Tavares Duarte e Ulisses Rodrigues Pereira.
Para a Mesa do Conselho Municipal foram eleitos: Presidente, Eng.º Luís Vítor de Azevedo Félix; 1.º Secretário, Carlos Alberto da Silva Jerónimo; 2.º Secretário, Maria Isabel de Melo Órfão.
- Agrovouga / 83** ● De 9 a 17 de Julho decorreu em Aveiro a AGROVOUGA/83 que, desde Abril de 1982 e por despacho do Ministro da Agricultura, tem o estatuto da Feira Nacional do Gado Bovino Leiteiro.
Esteve presente, na abertura, o Director-Geral da Agricultura, que foi

acompanhado pelo Governador Civil de Aveiro e Presidentes da Assembleia Municipal e da Câmara Municipal de Aveiro, e ainda pelos Presidentes de várias Câmaras Municipais do Distrito, membros da organização da AGROVOUGA/83 e outras entidades.

A Comissão Executiva, integrou os presidentes das Direcções das Cooperativas de Aveiro, Ílhavo, Oliveira do Bairro, Vagos, Aguada de Cima, Estarreja, «Proleite» e «Lacticoop».

No encerramento, esteve o Ministro da Agricultura, acompanhado pelo Director-Geral do mesmo Ministério.

Bombeiros Novos

Na sequência da solicitação oportunamente feita, a Câmara tomou conhecimento de que a Companhia de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes fora agraciada com o título de Membro-Honorário da Ordem de Benemerência (18-7-1983).

Associação de Municípios

A Câmara Municipal, na reunião ordinária de 18 de Julho, deliberou associar-se à ideia da criação de uma Associação de Municípios para Defesa e Protecção da Ria.

Festas da Ria

Nos dias 6, 7, 13 e 14 de Agosto tiveram lugar as Festas da Ria, mantendo assim uma tradição aveirense.

Houve regata de moliceiros e marcantéis com largada da Torreira e chegada à lota de Aveiro; efectuaram-se dois espectáculos de folclore, um dos quais de cariz internacional. Do programa ainda constaram: corridas de moliceiros, de marcantéis à vara, de bateiras e de caçadeiras, no canal das pirâmides, e o concurso de painéis dos barcos moliceiros.

A Secção Náutica da Associação Desportiva Ovarense (SNADO), organizou o XXII Cruzeiro da Ria, entre o Areíño e a Casa-Abrigo de São Jacinto.

Estas festas, como tem acontecido em anos transactos, constituem um cartaz turístico que atrai sempre elevado número de nacionais e de estrangeiros.

Farav / 83

De 6 a 28 de Agosto, na Praça da República, decorreu a FARAV/83 — Feira do Artesanato de Aveiro, por iniciativa da Comissão Municipal de Turismo de Aveiro e da BARRICA (Cooperativa de Artesãos da Região de Aveiro).

Aos sábados e domingos, durante a sua duração, houve diversos espectáculos de animação com grupos folclóricos.

Promoções Turísticas

Visando um maior desenvolvimento turístico da região, a Comissão Municipal de Turismo de Aveiro concretizou, durante o corrente ano, diversas iniciativas no país e no estrangeiro, das quais se destacam:

— Participação na Fitur em Madrid.

— Participação conjunta com os três Hotéis da cidade em promoções turísticas nas regiões da Galiza e Castela, por serem destas zonas o maior número de turistas espanhóis que nos visitam.

— Participação na Feira de Bourges.

— Promoção dirigida à zona da Grande Lisboa.

IV Colóquio dos Secretários Municipais

● Na última semana de Setembro passado, realizou-se em Aveiro o IV Colóquio dos Secretários Municipais que contou com a presença de eleitos, secretários municipais e demais funcionários da Administração Local, Regional e Central.

À sessão de abertura, que, tal como a de encerramento, teve lugar no Teatro Aveirense, presidiu a Secretária de Estado da Administração Autárquica, Dr.^a Helena Torres Marques. O Presidente da Câmara de Aveiro saudou todos os presentes e aludiu à necessidade da publicação da lei-quadro da Associação de Municípios, finalizando por formular os maiores desejos de um trabalho profícuo a todos os participantes no Colóquio.



Na sessão de abertura do IV Colóquio dos Secretários Municipais, o Presidente da respectiva Associação no uso da palavra

Jorge Madeira Santos, Presidente da Associação de Secretários Municipais, dissertou sobre vários problemas respeitantes à classe e regozijou-se com a presença do número tão elevado de participantes.

A Dr.^a Helena Torres Marques, depois de frisar que a presença de tanta gente no Colóquio era a prova do poder organizativo dos eleitos e dos secretários municipais, referiu-se ao aumento das competências e dos respectivos meios de financiamento, anunciou para breve a lei-quadro da Associação de Municípios e comunicou que, no próximo ano, vão ser abertos os concursos de habilitação para o pessoal da Administração Local.

Imediatamente a seguir iniciaram-se os trabalhos, divididos em cinco Secções, que abarcaram os seguintes temas:

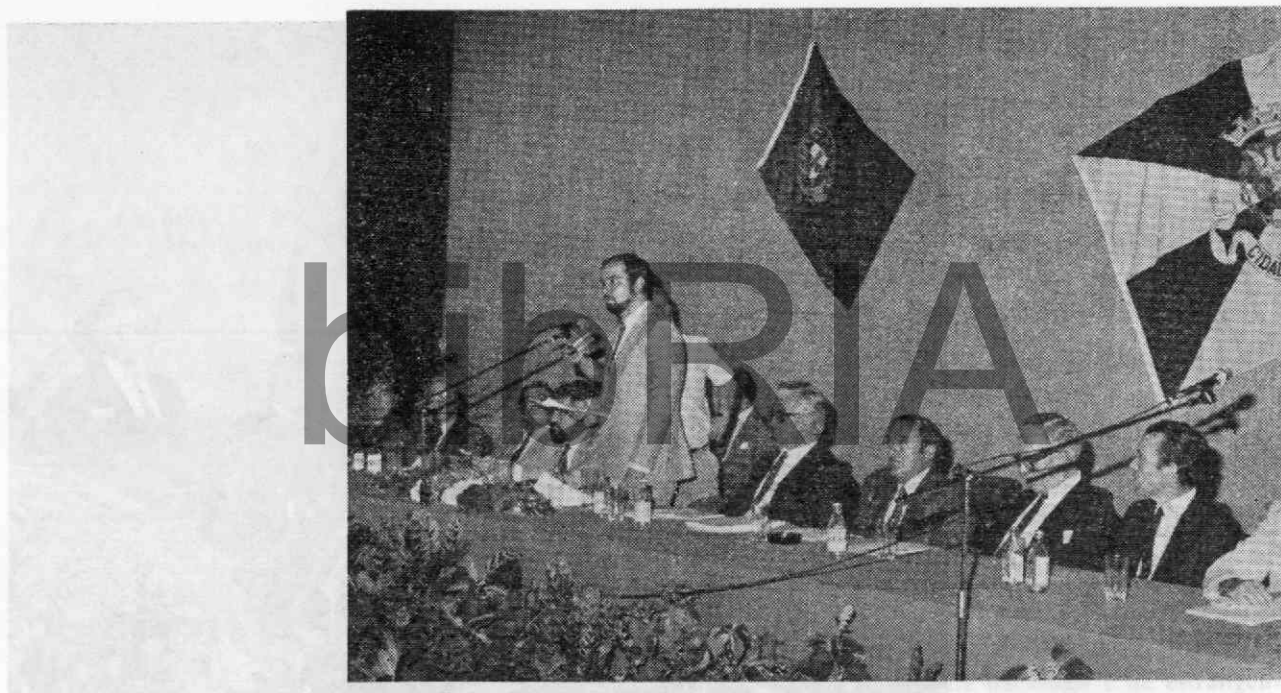
- 1.^a Secção — Organização e Funcionamento;
- 2.^a Secção — Regionalização e Municípios;

3.ª Secção — Pessoal, Gestão e Finanças;

4.ª Secção — Finanças, Fiscalidade e Contabilidade;

5.ª Secção — Urbanismo e Habitação.

Na manhã do dia 27, os participantes tiveram a oportunidade de ouvir uma palestra proferida pelo Presidente da Comissão Instaladora do Centro de Estudos e Formação Autárquica (CEFA), Professor Doutor Barbosa de Melo, que se fez acompanhar pelo Presidente do Conselho Administrativo e pelo Director do mesmo Centro, à qual se seguiu vivo debate.



Na sessão de encerramento, o Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional dirige-se aos participantes no Colóquio

À noite, no Pavilhão das Feiras e Exposições, a Câmara Municipal de Aveiro ofereceu uma recepção que integrou um interessante acto de variedades; intervieram o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Cacia, o Grupo Raiz e o ilusionista Prof. Marques do Vale.

No último dia, quinta-feira, efectuou-se uma mesa redonda, em que participaram autarcas e funcionários municipais, nomeadamente os membros da Direcção da Associação. Serviu de moderador o Secretário Municipal de Aveiro e Vice-Presidente da Direcção, sobre quem recaiu a responsabilidade da organização do Colóquio.

À sessão de encerramento presidiu o Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, Dr. Fernando Nogueira. Após a leitura das conclusões, usaram da palavra o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, que se congratulou com o êxito do colóquio, e o Presidente da Direcção da Associação, que não só aludiu à necessidade de qualificação dos Chefes de Secretaria em Secretários Gerais dos

noticiário - 7

Municípios, tal como acontece em alguns países do Mercado Comum, mas também salientou a importância do exercício das funções notariais pelo Secretário Municipal. Por último e a encerrar, o Secretário de Estado começou por comunicar a intenção do Governo em promover, até ao fim do primeiro trimestre de 1984, um estudo que permita qualificar os custos financeiros do processo de regionalização; dirigindo-se aos Secretários Municipais, observou ser preciso e fundamental que, sem prejuízo da celeridade, sejam respeitados os preceitos legais. Se existe — disse — o perigo da burocracia e da complexidade dos formalismos que possa constituir empecilho e entrave no dinamismo local, também não é perigo menor o desrespeito sistemático pelo estipulado legalmente, a pretexto de que a acção executiva não se compadece com delongas.



Mudanças no Conselho de Administração do Mercado Comum, mas também a implementação de medidas de segurança das fronteiras nacionais pelo Secretário Municipal. Por último, a aprovação do Estatuto do Estado começou por comunicar a intenção do Governo em promover, até ao fim do primeiro trimestre de 1984, um estudo que permita qualificar os custos financeiros do processo de regionalização, dirigindo-se aos sectores municipais. Também foram aprovados os preços e fundamentos que os preços de mercado devem obedecer, bem como as regras de aplicação. Se existe — disse o presidente da comissão — a possibilidade de a comissão estudar os preços que possa considerar a comissão, no âmbito local, também não é por isso menor a despesa com a execução de estudos pelo Conselho Municipal, a fim de se ter uma ideia de que a região executiva não se compadece com a situação.

bibRIA

No último dia, quinta-feira, efectuou-se uma mesa-redonda, em que participaram autarcas e funcionários municipais, nomeadamente os membros da Direcção de Acção Social do Município de Aveiro e do Município de Vila Verde, sobre temas relacionados com a organização da administração do Colégio.

A sessão de encerramento teve lugar no Salão de Festas do Departamento Regional de Fomento Regional. Após a leitura das conclusões, assinadas pela palavra o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, que se congratulou com o êxito do colóquio, a o Presidente da Direcção do Município, que não se aliou a qualquer das conclusões dos Chefes de Sector em conjunto com os

SUMÁRIO

HERÁLDICA	● Redacção	● 3
ABERTURA	● Dr. José Girão Pereira Presidente da Câmara Municipal	● 7
	● Francisco Fernando da Encarnação Dias Presidente da Assembleia Municipal	● 8
EXPLICAÇÃO	● Custódio Ramos Vereador do Pelouro Cultural	● 9
EDUARDO CERQUEIRA	● João Gonçalves Gaspar	● 11
CEM ANOS DE ARTES PLÁSTICAS	● Redacção	● 17
DR. JOSÉ PEREIRA TAVARES	● J. G.	● 23
A DECORAÇÃO DO MOLICEIRO	● Daniel Tércio Ramos Guimarães	● 25
A SEDUÇÃO DA RIA	● Raul Brandão	● 34
ESTATUETA DE SANTA JOANA	● Redacção	● 35
DOIS TESTEMUNHOS	● Fr. Luís de Sousa Soror Margarida Pinheira	● 36
EFEMÉRIDES AVEIRENSES	● Redacção	● 37
AVEIRO ANTIGO	● Fotografias	● 39
EVOCAÇÃO DE 1842	● Félix de Lichnowsky	● 42
SANEAMENTO DE AVEIRO	● Eng.º José Arménio Sequeira Pereira	● 43
ANTÓNIO DOS SANTOS LE	● J. G.	● 47
NOTICIÁRIO	● Redacção	● 49